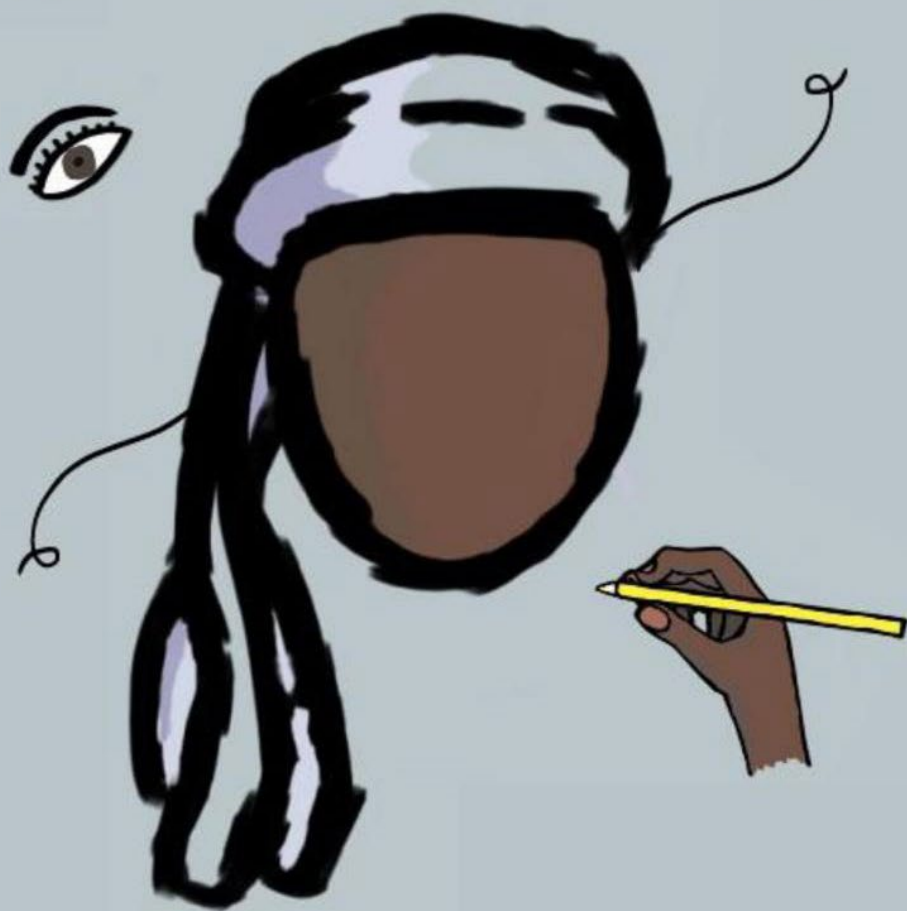





# Lembranças à Carolina

*Releituras de um quarto despejado*





*LEMBRANÇAS À CAROLINA*  
*Releituras de um quarto despejado*

*Macaé – RJ*

2021

*Desejamos que você goste das poesias e que, gostando, as compartilhe!  
Mas não se esqueça: também disponibilize o nome das autoras e autores que, com toda sensibilidade, lapidaram e transformaram realidades para compor cada verso e imagem deste livro!*

---

#### Capa

Cauã Peixoto, Christian Ferreira, Felipe Corrêa, Kaiki Gomes, Felipe Vasques, Nicolau Lopes, Gabriella Tannos, Ana Clara Pereira, Marcio Edgar dos Santos Sales, Karolayne Silva dos Santos, Ana Clara Batista da Silveira

#### QR Code

Vitor Domingues Corrêa Moreira Simões, Gabriel Tenorio da Costa, Natália da Silva Rangel e Pedro Abílio Jardim de Araujo

#### Artes visuais e verbais

Estudantes do 1º ano do Ensino Médio Integrado com Técnico

#### Compilação

Penha Élide G. Tuão Ramos

#### Colaboração

Olívia de Melo Fonseca

#### Revisão linguística

Penha Élide Ghiotto Tuão Ramos e Olívia de Melo Fonseca

#### Diagramação

Ana Soares

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L549 Lembranças à Carolina: releituras de um quarto despejado [recurso eletrônico] — Macaé, RJ: [s. n.], 2021.

Livro eletrônico (112 p.)

Modo de acesso: World Wide Web:

[http://terminal.biblioteca.iff.edu.br/index.php?codigo\\_sophia=57309](http://terminal.biblioteca.iff.edu.br/index.php?codigo_sophia=57309)

(E-book)

1. Poesia brasileira - Coletânea. 2. Escritos de jovens. 3. Poesia escolar brasileira - Macaé (RJ) 4. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense (campus Macaé).

CDD B869.10080355 23. ed.

# QUEM SOMOS NÓS

## PENHA ÉLIDA GHIOTTO TUÃO RAMOS

Doutoranda e Mestra em Cognição e Linguagem pela UENF. Professora de Língua Portuguesa, Literatura e Redação do IFFluminense, *Campus Macaé*. Proponente dos procedimentos didáticos que deram origem a esta coletânea.

## OLÍVIA DE MELO FONSECA

Doutora em Estudos Literários pela UFF. Coordenadora do NUGEDIS (Núcleo de Gênero, Diversidade e Sexualidade) e Professora de Língua Portuguesa, Literatura e Redação do IFFluminense, *Campus Macaé*. Integrante do Grupo de Pesquisa Poiesis e Alquimia Feministas. Professora colaboradora na implementação e realização das atividades que culminaram nesta compilação poética.

## ESTUDANTES-AUTORES

Ingressas/os do 1º ano do Ensino Médio Integrado com Técnico em Automação Industrial, Eletromecânica, Eletrônica e Meio Ambiente. Adolescentes muito criativas/os, empenhadas/os, que demonstraram saber articular muito bem palavras, traços, cores e lideranças.



### Instagram dos projetos criados pelos estudantes:

1001A - @projeto\_carolina

[https://www.instagram.com/projeto\\_carolina/](https://www.instagram.com/projeto_carolina/)

1001B - @mariadejesusiff

<https://www.instagram.com/mariadejesusiff/>

1004A - @carolina.ebook

<https://www.instagram.com/carolina.ebook/>

1004B - @projeto1004b

<https://www.instagram.com/projeto1004b/>

1005A - @ebook1005a

<https://www.instagram.com/ebook1005a/>

1005B - @ebook1005b

<https://www.instagram.com/ebook1005b/>

1008 - @poetisa\_carolina

[https://www.instagram.com/poetiza\\_carolina/](https://www.instagram.com/poetiza_carolina/)



clique aqui  
e confira os  
projetos



## Prefácio

No samba-enredo da Mangueira de 2019, um verso dizia “Brasil, chegou a vez de ouvir as Marias, Mahins, Marielles, Malês”, provocando-nos a escutar aquelas mulheres – negras, pardas, quilombolas, pobres, faveladas – que formam a maior parte de nossa população. *Lembranças à Carolina*: releituras de um quarto despejado foi norteado pela leitura coletiva de *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus, uma das Marias que a música evoca. A coletânea de poesias, ilustrações, fotografias e colagens, tecida a muitas mãos, forma um caleidoscópio de olhares, todos inspirados e movidos pelas palavras de Maria. Essa mulher brasileira, mãe solo, negra, da favela, catadora, que encontrou, na escrita, um modo de retratar e elaborar suas experiências, servindo de espelho para as vidas de tantas outras brasileiras e outros brasileiros como ela, que representam “o país que não tá no retrato”.

Na Inglaterra da década de 1920, Virginia Woolf, em seu texto “Um teto todo seu”, falava da necessidade de as mulheres escritoras terem um espaço próprio para exercer sua profissão. No Brasil da década de 1950, Carolina Maria de Jesus, escrevia pensando residir em um castelo cor de ouro e dizia ser preciso criar este ambiente de fantasia para esquecer que estava na favela. Ao mesmo tempo em que fantasiava, escrevia sobre as mazelas da desigualdade social, sobre o sentimento horrível de ter só ar dentro do estômago, sobre a vida dura do favelado, sobre o racismo estrutural, sobre a ganância dos homens brancos, e sobre sua revolta com o sistema. Uma revolta que ela mesma classificou como justa. Sua voz ecoou, citando Conceição Evaristo, versos perplexos com rima de fome e sangue. Em 2021, apesar de nomes como Conceição e Carolina Maria terem ganhado mais notoriedade, ainda temos muito que avan-

çar no sentido de garantir que as mulheres - especialmente as mulheres periféricas - sejam ouvidas, tenham espaço e voz, direito à memória, e seus trabalhos intelectuais e poéticos ganhem o devido reconhecimento. Daí também a importância de levar essas autoras para dentro da sala de aula das escolas públicas.

Os textos verbais e não verbais aqui reunidos são fruto da reflexão acerca das dores, da exclusão e do abandono sofridos pela autora, bem como seu encontro com a potência da escrita como maneira de expressar seus sofrimentos e esperanças, encontrando força e conforto quando não havia a quem recorrer. Encontram, na sociedade em que vivem hoje, muitos pontos em comum com aqueles descritos por Carolina Maria, ainda impregnada de racismo, machismo e desigualdades sociais. Ressaltam a importância de sua memória na literatura brasileira e a necessidade da representatividade de mulheres como ela na arte nacional.

O trabalho desenvolvido pelas professoras Penha Élide Ghiotto Tuão Ramos e Olívia de Melo Fonseca, durante o período turbulento de ensino remoto, em uma escola pública, colocou os estudantes como sujeitos do processo, provocando a reflexão e a autorreflexão que, segundo Paulo Freire, é capaz de conscientizar e, consequentemente, inserir esses sujeitos socialmente como autores, e não mais apenas espectadores de sua própria história. Se, para muitos desses alunos, o texto de Maria Carolina serviu de espelho, de modo a se verem representados pela realidade descrita no livro, para outros, *Quarto de Despejo* se abriu como uma janela através da qual puderam enxergar uma realidade diferente da que vivem, mas que faz parte indissociável da sociedade à qual pertencem. Este livro é, portanto, a materialização de uma educação libertadora, na qual os alunos são instigados a olhar para si mesmos e olhar uns para os outros, questionar as injustiças sociais

postas, atuar no mundo em que vivem de forma a transformá-lo, e se tornarem, enfim, protagonistas.

**Alice de Araújo Nascimento Pereira**

Doutora em Estudos Literários pela UFF. Professora de Língua Inglesa do IFFluminense, *Campus Macaé*. Integrante do Grupo de Pesquisa Poiesis e Alquimia Feministas.

**Camila França Barros**

Mestranda pelo Programa de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) pelo IFFluminense. Pós-graduada em Linguística Aplicada pela UERJ. Professora de Língua Inglesa do IFFluminense, *Campus Macaé*. Integrante do Grupo de Pesquisa Poiesis e Alquimia Feministas.





Obra dedicada a você que enxerga na literatura  
um quê de reflexão, de humanidade, de arte.



## Apresentação

Em “Mufete”, do álbum *Sobre Crianças, Quadris, Pesadelos e Lições de Casa*, de 2015, Emicida diz, em um trecho de sua canção: “Esquece o que o livro diz, ele mente”. Através dos versos do rapper, ou do samba da Mangueira de 2019 reverenciado no texto que prefacia a obra que se segue, ou ainda do discurso proferido pela escritora nigeriana Chimamanda Adichie em *O perigo de uma história única*, nem todos estão, estamos, no retrato. A cena retratada corta tudo o que não é material instagramável. Corta as mazelas, mas corta também as potências subjetivas que foram colocadas à margem. A elas, não é permitido o trânsito, apenas o colocar-se em seu devido lugar, construído por uma cultura engessada em pilares racistas, patriarcais, misóginos, imperialistas, eurocêtricos e diversas outras formas de subalternização do outro, com toques disfarçados de meritocracia.

Mérito!? Jural!? Se fosse por mérito, uma escritora como Carolina Maria de Jesus não teria passado fome, não teria morrido à mingua de uma “sorte” que já estava escrita muito antes de seu nascimento. Hoje ela é DOUTORA Honoris Causa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Hoje ela brilha em festas literárias, como brilhou, em 2020, na FLUP – Festa Literária das Periferias.

É *preciso estar atento e forte*, como diria Caetano Veloso e Iza em sua regravação da canção “Divino Maravilhoso”, para fazer desta corrente decolonial, que avança na cultura brasileira e na universidade – graças, em muito, às cotas –, um tornado em direção a um projeto de país que performe a cena retratada. É *preciso estar atento e forte* para não se deixar sucumbir diante da avalanche de mortes que assolam um país em pandemias! Infelizmente, não é (só?) o Coronavírus que nos agoniza! É *preciso estar atento e forte* para compreender o porquê de não aprendermos com Carolina

que disse que o maior espetáculo do pobre de meados do século passado era comer. Hoje, desde 2018 mais especificamente, nosso país retornou ao mapa da fome mundial. Ou seja, pelo menos 5% de nossa população não ingere a quantidade de caloria diária recomendada.

Não queremos um retrato de país onde não consigamos ver Carolina. Entretanto, desejamos vislumbrar um país que não só consegue enxergar Carolina, mas também consegue reconstruir o cenário fotográfico, porque aprendeu com essa mulher preta que tem tanto a nos ensinar. *É preciso estar atento e forte* para que, diante de tanta ruína, tenhamos a capacidade de enxergar vagalumes, já dizia o teórico Georges Didi-Huberman em seu livro *A sobrevivência dos vagalumes* ou, novamente, o nosso guru Emicida, em outra canção potente – “É tudo pra ontem”: “Viver é partir, voltar e repartir/(Mas ouça de alguém que nasceu num tapume)/Partir, voltar e repartir/(É só na escuridão que se percebe os vagalumes)”.

É de vagalumes que se trata este livro, de estudantes do 1º ano do Ensino Médio Integrado com Técnico em Automação Industrial, Eletromecânica, Eletrônica e Meio Ambiente, de uma escola pública do interior do estado do Rio de Janeiro, o Instituto Federal Fluminense (*Campus Macaé*), que tentaram cursar a disciplina de Língua Portuguesa, Literatura e Redação em meio à pandemia e as suas disparidades. Atravessando todas as dificuldades que o ensino remoto pode oferecer a um país tão, tão desigual, eles aprenderam com Carolina Maria de Jesus e nos ofertaram tudo de mais bonito que vocês podem encontrar no percurso deste livro. Ainda sobre a origem desta obra fantástica, não podemos deixar de mencionar a parceria muito bem estabelecida que a tornou possível: de um lado, a reflexão sobre o ensino de Literatura e a importância da autoria estudantil, objetos de estudo de Penha Élica Ghiotto Tuão Ramos; de outro, o interesse da pro-

fessora de Língua Portuguesa, Literatura e Redação dos estudantes-autores deste livro, Olívia de Melo Fonseca (IFF), quem aceitou colaborar na implantação de um modelo genérico de sequência didática, ao qual trouxe uma configuração própria a partir de suas leituras.

Em *Lembranças à Carolina*: releituras de um quarto despejado, será possível ver pulsar o diálogo estabelecido entre cultura urbana, marginal, periférica, *Slam* Poesia, Carolina Maria de Jesus e literatura enquanto campo expansivo. Com sete seções, assim definidas conforme as turmas participantes, esta obra oportunizará a chance de fotografar, com as retinas reais e imaginadas, poemas/*slams*, ilustrações variadas, colagens, fotografias, *Qr Codes* que darão acesso à expansão da experiência de leitura, do verbo-visual ao audiovisual. Dessa forma, você se deleitará com as Seções I e II, *Lugar de fala e Lembranças à Carolina*, produzidas, respectivamente, pelas turmas 1001A e 1001B, do curso de Automação Industrial; na sequência, encontrará a Seção III, intitulada *Carolina – seu sonho*, e a Seção IV, *Inspiração de uma arte esquecida*, respectivamente produzidas pelas turmas 1004 A e 1004 B, do curso de Eletromecânica; em seguida, terá *Legado de Carolina Maria de Jesus e Da favela para o mundo*, que constituem as Seções V e VI, produzidas pelas turmas 1005A e 1005B, do curso de Eletrônica; e, por fim, experienciará a Seção VII, *As palavras que eu escrevi*, da turma 1008, curso de Meio Ambiente.

Assim como quando entramos em contato com a obra de Carolina Maria de Jesus pela primeira vez, todo este material artístico, pictórico, poético, audiovisual tem a pretensão, mesmo que provisória, de convidar o leitor ao exercício de outridade, de vivenciar e experienciar o lugar de si e, ainda mais, o lugar do outro, de recusa ao lugar de conforto, de disponibilidade à profanação, mas também à comunhão – afinal, *viver é partir, voltar e repartir* – para que juntas, juntos e juntes, coletivamente, sejamos capazes de

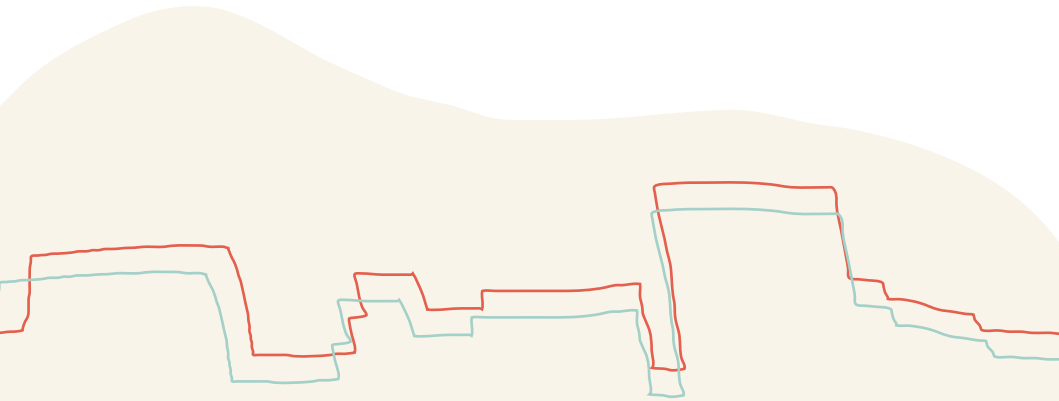
nos reconhecer próximos à Carolina, *ladino-amefricanos*, tal qual nos posicionou Lélia Gonzalez em nossa luta decolonial, que sejamos capazes ainda, por (re)começo, de *transformar nossos silêncios em linguagem*, tal qual poetizou Audre Lorde.

Desejamos os melhores encontros nesta viagem-leitura!

Até breve!

**Penha Élide Ghiotto Tuão Ramos**

**Olívia de Melo Fonseca**





### **Seção I: Lugar de fala**

- Mazelas da vida
- Sonhar
- Vida na favela
- Sobrevivência
- A noite
- Triste realidade!
- Mudança
- Meu livro

### **Seção II: Lembranças à Carolina**

- Rotina de pouco valor
- Perto do valão
- Pérola suburbana
- Palavras
- Cenário de uma realidade
- Uma heroína esquecida
- Nasce uma mulher
- Vivendo uma realidade dura

### **Seção III: Carolina – seu sonho**

- Carolina Maria de Jesus
- Fome, miséria e morte na rua
- Mais um dia de Brasil
- Uma situação “comum”
- Como dizia o poeta
- Carolina Maria de Jesus viu, na escrita, a luz
- Encontrando tesouros
- “OFF” (SUSPIRO)

### **Seção IV: Inspiração de uma arte esquecida**

- O despejo é a nossa trajetória
- Já dizia Carolina
- Viver uma vida
- Pode até não parecer

- Injustiça
- Carolina Maria de Jesus

### **Seção V: Legado de Carolina Maria de Jesus**

- Eles são bons em prometer
- Seus pés, sempre descalços
- O mundo é complicado
- Mais um dia de favela
- Em Minas Gerais, em uma zona rural
- Na margem da tristeza
- Humanidade
- O preto e a prata

### **Seção VI: Da favela para o mundo**

- Carolina Maria de Jesus: da favela para o mundo
- Sobre viver: a luta de Carolina Maria de Jesus
- Era de origem humilde
- Quando a noite cala
- Ousando ser livre
- Do papel ao livro
- Sobrevivente da favela

### **Seção VII: As palavras que eu escrevi**

- Versos de um capataz
- Nuances da negritude
- Despejada
- Correria
- Doce e difícil
- Mais um dia se completa

### **Sobre Carolinas e Canindés**

SEÇÃO I - 1001 A  
<https://youtu.be/Ka1J8h56euE>



LUGAR DE  
FALA

## MAZELAS DA VIDA

*Poesia de Bruna Santiago, Gisele Miranda,  
Jean Carlos Siqueira e Kaiki Gomes*

Minha mãe queria que eu fosse professora,  
Para ensinar palavras às pessoas.  
Mas era apenas eu e minhas crianças no mundo,  
Com a minha alma de poetisa presa em um corpo de guerreira,  
Sobrevivendo enquanto éramos maltratados pela sociedade opressora.

Oh, que dura a vida do favelado!

Dura como o nosso pão de cada dia.  
Dura como o coração das nossas vizinhas,  
Que usavam de pedras a palavras de baixo calão,  
Para atacar as minhas crianças franzinas.

Oh, Santa Maria, por que nos fizeste passar por esse sofrimento?

O sofrimento que não acabava,  
Enquanto o astro-rei no céu raiava,  
E, na amarelada penúria, eu afundava.  
Penúria que era mentora,  
Que nos fazia valorizar as pequenas coisas boas da vida,  
Quando os homens poderosos traíam nossos corações com suas doces  
mentiras.

Basta ser da favela e te tacham como vilão.  
Recebemos olhares de ódio pela nossa pobreza.  
Enquanto os verdadeiros vilões, banhados pela corrupção,  
Se escondem no palácio do Governo, rodeados de riqueza.

Não tinha tempo para descansar,  
Para gozar as coisas boas da vida.  
Mas que alegria eu posso encontrar morando numa favela falida  
O tempo ia passando,  
A doença e a morte vindo nos visitar,  
Lado a lado.  
E, com isso, eu sempre me dizia:

Oh, que dura a vida do favelado!



Arte de Davi da Costa Soares Fin, Erick de Carvalho  
Silveira e Gabriella Tannos Barreto

## SONHAR

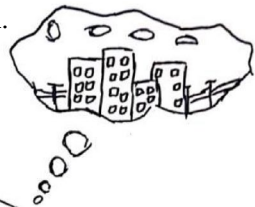
*Poesia de Bruna Santiago, Gisele Miranda,  
Jean Carlos Siqueira e Kaiki Gomes*

Queria eu morar em um castelo dourado  
Deitar-me numa cama imaginária  
Enquanto afago meu vestido bordado  
Mas parece que caí no lugar errado  
Pois aqui estou eu  
Sentada no chão de terra  
Com meus trapos esfarrapados.

Me aconselhavam a não escrever sobre a realidade  
Deve ser porque ela é cruel e cheia de desigualdade,  
Deve ser porque os outros esbanjavam seus grandes prédios  
Enquanto esbanjávamos precariedade  
Residindo no quarto de despejo da cidade.

Assim eu não aguento  
Me ponho a chorar.  
Tristeza  
Tristeza que não se cessa.  
Já não sei mais como sorrir diante desta vida tão molesta.

Queria eu encontrar um alento nesse chão enlameado  
Mas a única coisa que encontro é o desgosto  
Parece que caí no lugar errado  
Pois eu deveria estar longe, bem longe  
Deitada em uma cama macia  
No meu castelo dourado.



*Arte de Bernardo Oliveira Capanema de  
Souza, Hugo dos Santos Brito Silva e  
Luís Gustavo Rodrigues Freire.*

“Queria eu morar em  
um castelo dourado  
Deitar-me numa cama  
imaginária  
Enquanto afago meu  
vestido bordado  
Mas parece que caí no  
lugar errado...”



## VIDA NA FAVELA

*Eduardo Woyames, Israel Laia,  
João Victor Piñero e Rayane Souza*

Ando pelas ruas de São Paulo,  
as pessoas que não vivem por aqui nem ousam olhar em nossos olhos...  
Somos tratados como lixo,  
essa é a vida na favela.

A paisagem é cor de barro,  
o chão é lama pura.  
Fazemos de tudo para tentar sobreviver ao máximo nesse lugar  
coberto de tanta amargura.

Estamos aqui por falta de oportunidade e nos culpam por isso.  
Tentamos subir na vida,  
mas sempre somos derrubados.

Principalmente sendo uma mulher,  
em que há mais desafio devido aos preconceitos e à falta de fé.  
Minha vida não é fácil,  
luto o dobro para obter metade, do absurdo,  
isso deveria ser o auge.

Eles não gostam de nós,  
nunca olharam por nós e decerto que não olharão.

Somos tachados de bandidos ou vagabundos  
sem mesmo ter tido a chance que outros tiveram em suas vidas.  
Sempre fazendo o máximo para obter o mínimo,  
seja de respeito ou de recurso.

A fome é algo que intensamente nos consome,  
você não saberia o que “fome” realmente significa.  
Quem não compartilha de minha realidade,  
não saberia explicar algo assim.

O que todos chamam de “pão de cada dia”,  
chamamos de refeição que salva vidas.  
Nunca vão entender a horrível sensação de  
olhar para o rosto de seus filhos e dizer:  
Não há comida hoje!



Eu, Carolina Maria de Jesus, não aguento mais isso.  
 Eu espero que não precisem passar por essa dificuldade,  
 então é melhor não saber explicar esse conceito.

Para sobreviver nesse lugar onde tudo é composto de tijolo e barro,  
 é necessária uma vontade de aço.  
 Acordar todos os dias, às 5 da manhã, sem esperança de subir na vida,  
 mas mantendo em mente que tem que sobreviver.

Saber que todos te tratam como lixo,  
 que todos cuspiriam em você na primeira oportunidade,  
 e tentar seguir em frente  
 mesmo sabendo que vai precisar superar coisas:  
 discriminação e fome.

*Arte de Bernardo Oliveira  
 Capanema de Souza, Hugo dos  
 Santos Brito Silva e Luis Gustavo  
 Rodrigues Freire.*

“Essa é a vida na favela.  
 A paisagem é cor de barro,  
 o chão é lama pura.  
 Fazemos de tudo para tentar sobreviver o  
 máximo nesse lugar  
 coberto de tanta amargura.”



## SOBREVIVÊNCIA

*Poesia de Eduardo Woyames, Israel Laia,  
João Victor Piñero e Rayane Souza*

Vocês não sabem como é ser jogado em um lugar esquecido,  
um lugar que está marcado pela fome.  
Onde todo mundo joga seu lixo  
e que muitas pessoas sobrevivem catando o entulho do povo,  
que te julga com nojo,  
é como ser jogado em um quarto de despejo.

Não temos a quem recorrer,  
pois a única coisa que fazem é nos desmerecer,  
então comemos lixo feito cães por falta de opção,  
um simples ato necessário para a sobrevivência  
é o bastante para sermos igualado a criaturas irracionais.

A vida é um excremento que temos que reciclar.  
A cada dia que passa,  
a única coisa que recebo  
é o desgosto das pessoas desse lugar,  
que brigam com os meus filhos sem terem feito nada,  
jogam pedras na parede da minha casa.  
Meu sonho é sair daqui,  
aqui a gente não vive, apenas sobrevive.

*Arte de Alanis Nazareth Heleodoro, Felipe Vasques Ribeiro, Gabriel de  
Barros Pontes e Giovana Santiago Alves.*





## A NOITE

A chuva é implacável,  
E o frio com ela vem.  
Deitado, fico pensando,  
Se há um mundo além.

Além da periferia,  
Dos muros de tijolos,  
Que separam a gente  
Do “cidadão de bem”.

Acordo todos os dias  
Antes do Sol se por.  
Tenho que trabalhar,  
Além da favela, na casa do “Senhor”.

Sair desse lugar  
É o que mais almejo.  
Ver o mundo de fora,  
Além desse Quarto de Despejo.

*Poesia de Ana Clara Pereira  
e Christian Ferreira*

Ver as crianças brincando,  
Correndo e jogando bola.  
Pensando em uma vida,  
Que só teria lá fora.

Fora de uma cerca,  
Que criaram em nossa volta.  
Uma cerca quase invisível,  
Que separam a gente do lado de fora.

Fome e violência,  
Ignorância e covardia.  
Sonhos que nunca verei  
Aqui na periferia.

*Arte de Alice Pereira da Conceição, Cauã Peixoto de  
Lima Gonçalves, Robert Marley Ferreira Xavier e  
Thiago Bessa Duarte Rodrigues.*



## TRISTE REALIDADE!

*Poesia de Ana Clara Pereira  
e Christian Ferreira*

Vivemos em um mundo trivial,  
onde tudo é superficial.  
Uma sociedade sem respeito,  
repleta de preconceito.

Uma sociedade que nos repele,  
pela simples cor da pele.  
Um mundo de hipocrisia,  
onde só temos a nossa poesia.

Um mundo que diz que a escravidão acabou,  
mas eu digo que ela apenas se transformou.  
Podemos não viver acorrentados,  
Mas todos os dias somos discriminados.

Um mundo sem oportunidades,  
onde passamos necessidades.  
Digo que não queremos suntuosidade,  
apenas dignidade.

Vivemos em um mundo de sofrimento.  
Em que muitas vezes nos falta até o alimento,  
Não sabemos mais o que é felicidade.  
Essa é a triste realidade!

Um mundo que nos chama de favelado,  
sem ao menos ver o nosso lado.  
E não falo daquele termo bonito que aparece no dicionário.  
E sim daqueles que sabem que por aqui não é bonito o cenário.

Muitas vezes, nos sentimos em um quarto de despejo,  
Como escórias da sociedade.  
Mas eu tenho um desejo:  
Uma sociedade que nos ame de verdade.

Esta é a triste realidade,  
de quem vive na comunidade.  
Que fica pior quando você é negro,  
e te tacham de bandido.

Mas eu sonho com o dia em que o negro será aplaudido.

E, enquanto esse dia não chega,  
se é que um dia chegará,  
Só nos resta batalhar.  
Para, pelo menos, mais um dia suportar.



*Arte de Davi da Costa Soares Fin, Erick de Carvalho Silveira e  
Gabriella Tannos Barreto.*



## MUDANÇA

*Poesia de Alexander Nery, Miguel Borges  
e Nicolas Lopes*

Após a morte de minha mãe  
Fui tentar a vida em São Paulo,  
Despejada no palco da favela,  
Com o que encontrava pelo chão,  
Construí meu barracão

Mulher,  
Negra,  
Favelada,  
Mãe solteira de 3 filhos.  
Certamente, não foi fácil...

E, assim, começou o prefácio.

Acordo cedo todo dia pra catar papelão,  
Sem sequer saber se amanhã vou ter um tostão  
Para dar uma refeição para meus filhos  
Em meio a tanto desalento

Porém, mesmo inconformada com esse lugar,  
Sem voz a ser ouvida  
Nunca parei de sonhar,  
Sonhar que um dia terei uma casa de tijolo  
Em que poderei morar  
15 de julho 1955

Comecei a escrever para quem sabe esquecer  
Da dor que é viver entre as mazelas da favela,  
Catando o que é lixo pros outros  
E necessário pra nós.

1960  
Quem sabe agora possam ouvir a nossa voz.

*Arte de Davi da Costa Soares Fin, Erick de Carvalho  
Silveira e Gabriella Tamos Barreto.*



## MEU LIVRO

*Poesia de Alexander Nery, Miguel Borges  
e Nicolas Lopes*

A vida na favela não é nada fácil  
Principalmente, quando se é mulher  
Que, por todos, é vista como frágil  
Mesmo assim, sempre batalhei com garra

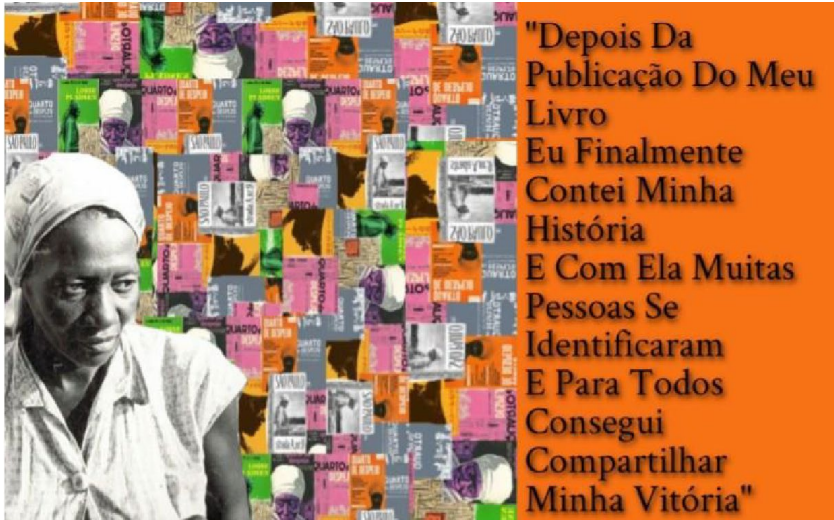
Um jornalista, eu encontrei  
Ele leu as anotações que eu fazia  
O meu livro, me ajudou a publicar  
E, para o mundo, o quarto de despejo surgia

Andando pelas ruas sem expectativa  
Mas não fazia ideia de como a minha vida iria mudar  
Em poucos dias, o meu livro já estava em muitas livrarias  
E o meu sonho, eu, finalmente, pude realizar

Depois da publicação do meu livro,  
Eu, finalmente, contei minha história  
Com ela, muitas pessoas se identificaram  
E, para todos, consegui compartilhar minha vitória

Nessa aventura, eu embarcava  
Logo depois, uma nova vida, então, pude ter  
Peguei minhas coisas e mudei de casa  
Para, mais tranquila, com a minha família, poder viver.

*Arte de Alice Pereira da Conceição, Cauã Peixoto de Lima Gonçalves,  
Robert Marley Ferreira Xavier e Thiago Bessa Duarte Rodrigues*





### Arte de abertura da seção

Cauã Peixoto, Christian Ferreira, Felipe Corrêa, Kaiki Gomes, Felipe Vasques, Nicolas Lopes, Gabriella Tannos e Ana Clara Pereira.

### Produção audiovisual

Isaac dos Santos Leite Cabral, Nilton Yuri Leão Vasconcelos e Warlen Lopes de Oliveira.

### Organização

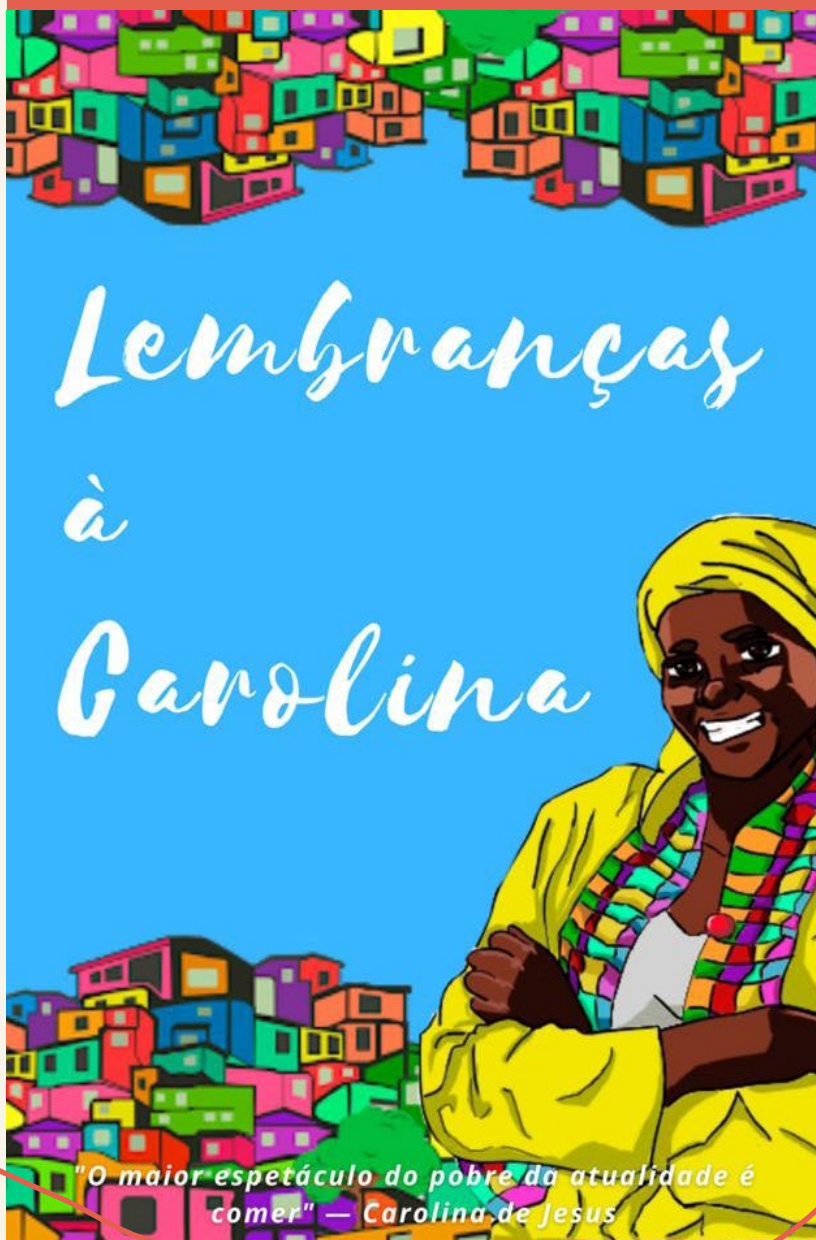
Felipe Corrêa Ribeiro, Isabelle David Werneck Vieira, João Henrique Mendes da Costa, João Victor Soares Rezende e Matheus Miranda Ribeiro Silva.

Seção I - 1001 A

<https://youtu.be/Ka1J8h56euE>



SEÇÃO II - 1001 B  
[https://youtu.be/q\\_EzDzltaeE](https://youtu.be/q_EzDzltaeE)



*"O maior espetáculo do pobre da atualidade é comer" — Carolina de Jesus*

## ROTINA DE POUCO VALOR

*Poesia de Joel Júnior Barros Neves, Enoque Fagundes Bispo Neto, Kelvin Lima Souza e Daniel Rangel Botelho*

Mãe solteira, independente e sozinha,  
acorda cedo, cata papel e cozinha,  
mulher lutadora, sábia, igual a ela não tinha,  
Carolina.

Depois de um dia de luta,  
Ao seu refúgio ela retornava  
Sem muita diversão nem prazer,  
Se deitava e descansava.

A esperança, ela mantinha,  
Quando alguns trocados eram lhe dados.  
Tirando-a do sufoco, mais um dia vivendo com pouco.

O ar da casa trazia um certo desconforto  
Quando chovia, a água pelo teto entrava  
Nesses momentos, era preferível estar morto  
E, nos dias nublados, esse momento assombrava.

Vera, José e João,  
Tinha dias que, para eles, nem havia pão  
E isso, para Carolina,  
Era de doer o coração.

Juntando todos os acontecimentos do dia,  
Ela sentava e, no seu livro, escrevia  
Sem nenhuma fantasia  
Esvaziando a mente  
Se preparando para outro dia

Com seu livro, andava bem armada  
Com palavras que doíam mais que uma facada  
Carolina, uma mulher bem forte e empoderada.

*Arte de Natália da Silva Rangel, Vitor Domingues Corrêa Moreira Simões, Gabriel Tenorio da Costa e Pedro Abílio Jardim de Araújo.*







*Arte de Natália da Silva Rangel, Vitor Domingues Corrêa Moreira Simões, Gabriel Tenorio da Costa e Pedro Abílio Jardim de Araújo.*



*Arte de Natália da Silva Rangel, Vitor Domingues Corrêa Moreira Simões, Gabriel Tenorio da Costa e Pedro Abílio Jardim de Araújo.*

## PERTO DO VALÃO

Poesia de Joel Júnior Barros Neves, Enoque Fagundes  
Bispo Neto, Kelvin Lima Souza e Daniel Rangel Botelho

Sempre dizia Carolina  
Todos sabem que é verdade  
Infelizmente onde vivia  
Não existia solidariedade.

Só tinham as vizinhas  
Que eram pura falsidade  
Mas tinham os governadores que cuidavam da cidade  
Esqueciam da favela e faziam tudo pela metade.

Casas ao lado do valão  
Só pessoas sem noção  
Obrigar o ser humano  
A viver sem nenhum tostão.

Isso é coisa de louco  
Não dá nem pra engolir  
Um lugar tão apertado e no sufoco  
Que não tem nem onde dormir.

A cada verso, uma bala  
Cada livro, uma arma  
Sem quantia monetária,  
Carolina, uma verdadeira revolucionária

Arte de Natália da Silva Rangel,  
Vitor Domingues Corrêa Moreira  
Simões, Gabriel Tenorio da Costa  
e Pedro Abílio Jardim de Araújo.



## PÉROLA SUBURBANA

|||||  
*Poesia de Lucas Henrique Moraes da Costa  
 e Júlia Carvalho Pessanha*

Azevedo escreveu O Cortiço  
 Carolina descreveu a favela  
 O Cortiço do Naturalismo  
 A favela com naturalidade  
 Nem um e nem outro, nada a esconder

A realidade revelada de modo original.  
 No cortiço, não há regras  
 Mas, para a gramática de Azevedo, sim.  
 Na favela, também não há,  
 Carolina não se prende a regras.  
 Ela só quer escrever,  
 Escrever sobre a realidade, com liberdade,  
 Como quem anseia por um sonho.  
 Sonhar é possível

·  
 Mesmo com tantos motivos, pra deixar tudo como está  
 – cantou um dia a Cássia e também Renato Russo.  
 Mas Carolina quis pensar em não desistir,  
 quis insistir e tentar “agora”, tanto faz

Insistiu a Cássia, insistiu o Russo, nada é pra sempre  
 e o pra sempre sempre acaba.  
 Enquanto Carolina sonhou e lutou para transformar sua dor,  
 não deixando ser pra sempre  
 e nem pra sempre o silêncio da sua história  
 e do seu barraco.

Barracão de zinco, sem telhado,  
 Ave Maria do morro  
 – há quem muito cantou esta canção, uma canção,  
 eternamente uma canção de amor.  
 Carolina entoou com palavras:  
 – lá no morro, barracão é bangalô!  
 Quem mora no morro não conhece arranha-céu  
 e nem felicidade, mas mora pertinho do céu.

|||||

*Arte de Matheus dos Santos da Silva, Erick  
 de Souza Bersot, Karolayne Silva dos  
 Santos e Marcio Edgard dos  
 Santos Sales.*





Carolina não se prende a regras



*Arte de Matheus dos Santos da Silva, Erick de Souza Bersot, Karolayne Silva dos Santos e Marcio Edgard dos Santos Sales.*



Quis insistir e tentar "agora"

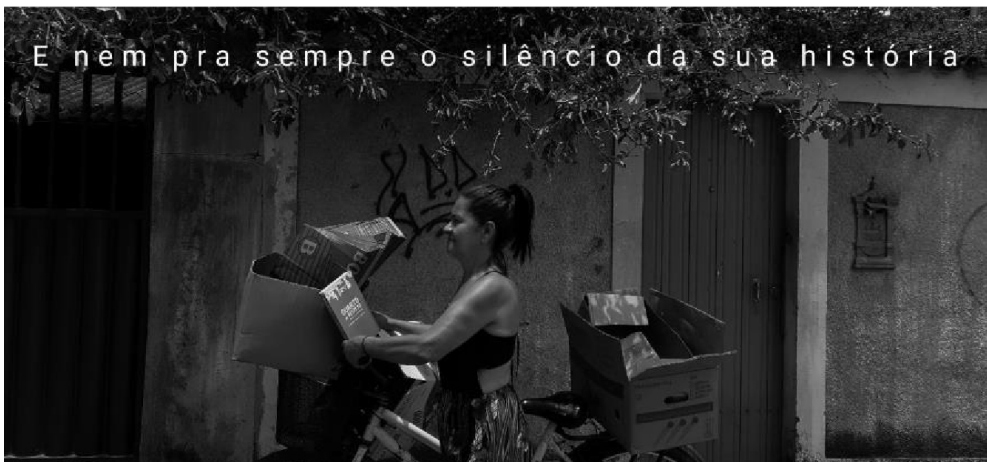


Ave Maria do morro



*Arte de Matheus dos Santos da Silva, Erick de Souza Bersot, Karolayne Silva dos Santos e Marcio Edgard dos Santos Sales.*

E nem pra sempre o silêncio da sua história



## PALAVRAS

Poesia de Lucas Henrique Moraes da Costa  
 e Júlia Carvalho Pessanha

ah, se ela pudesse ver que tudo mudou  
 mas nada mudou  
 as palavras no caderno  
 palavras são eternas,  
 mesmo alteradas,  
 distorcidas  
 não são descartáveis, por isso ela escrevia

se Luther King tinha um sonho  
 Carolina tinha palavras  
 saídas de um corpo vazio,  
 escritas no meio da dor

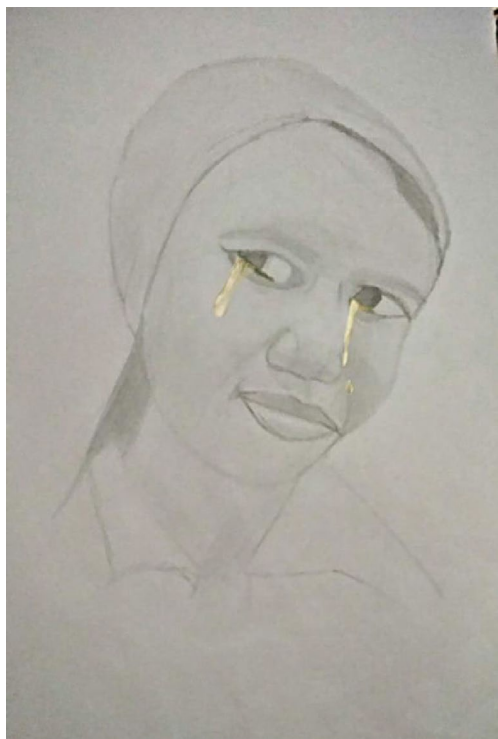
alimentando-se da esperança  
 de que um dia a sala de estar  
 pudesse ser sua vizinhança

ah, se ela pudesse ver  
 que, mesmo tanto tempo depois,  
 seriam cantadas e rimadas  
 as palavras de quem já se foi

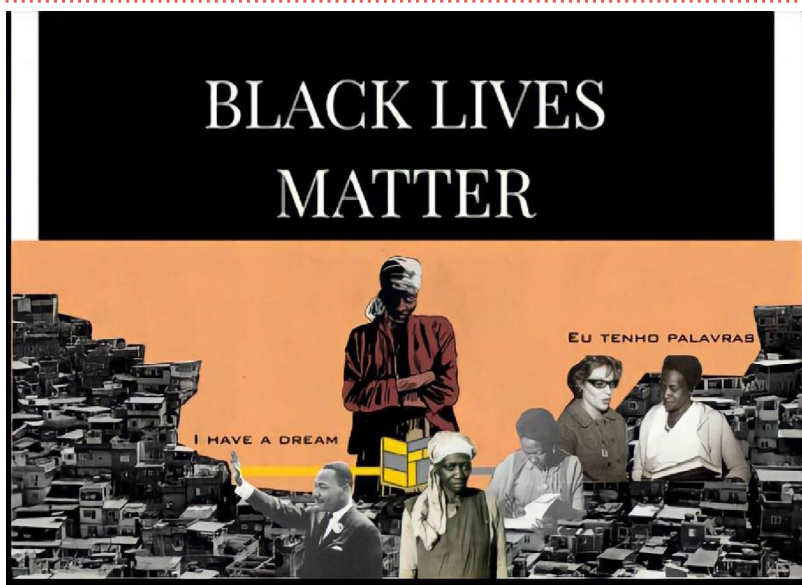
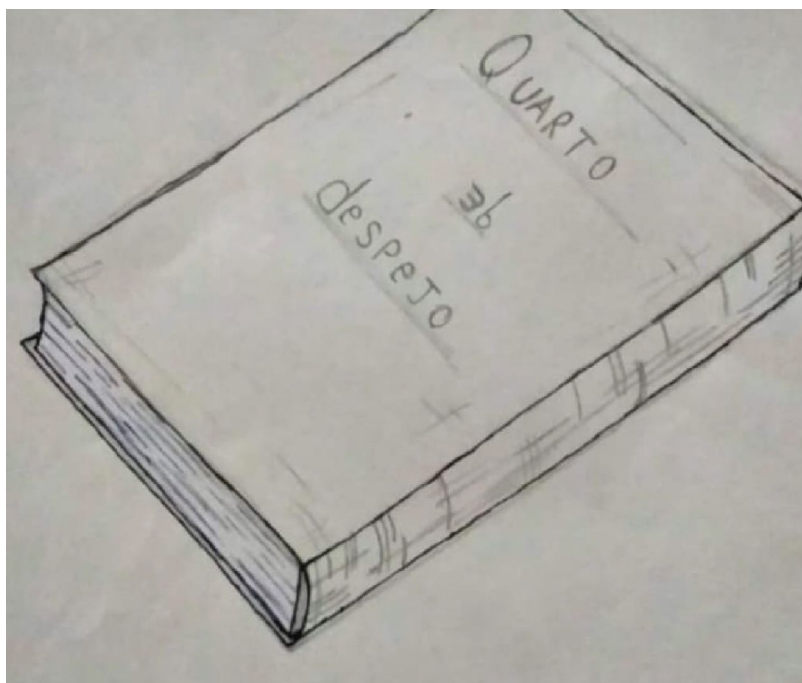
em uma época já distante  
 contemplamos  
 cantamos  
 choramos  
 as palavras de antes

se Luther King tinha um sonho  
 Carolina tinha palavras  
 um dia ditas,  
 um dia marcadas  
 saídas de um corpo vazio  
 e escritas no meio da dor

sua vitória pesa mais que a dor  
 sua história transcende a cor  
 livre do pente de ferro  
 em busca da liberdade  
 num lugar há muito esquecido  
 lembrado por ela nas páginas de um velho caderno.



Arte de Matheus dos Santos da  
 Silva, Erick de Souza Bersot,  
 Karolayne Silva dos Santos  
 e Marcio Edgard dos  
 Santos Sales.



*Arte de Matheus dos Santos da Silva, Erick de Souza Bersot, Karolayne Silva dos Santos e Marcio Edgard dos Santos Sales.*





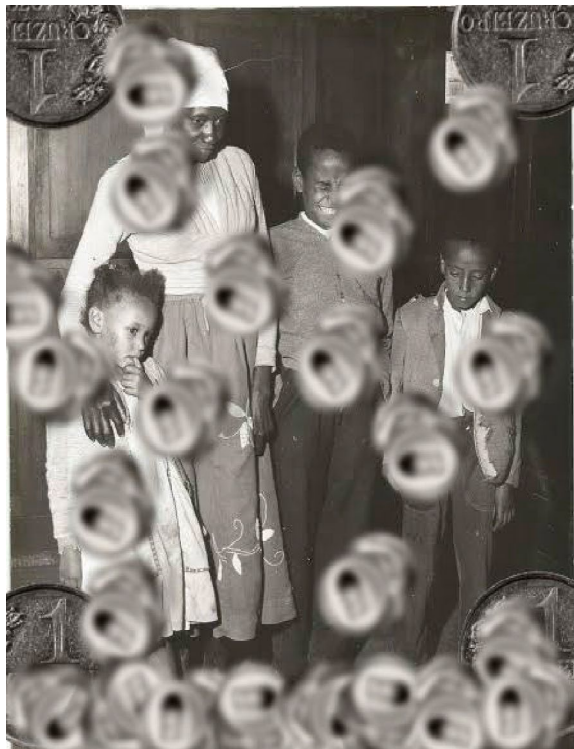
E, para uma mulher, negra e pobre,  
A dificuldade foi intensificada

Anos após o fim da escravidão,  
Muitos aspectos mantêm-se inalterados  
Já que, mesmo após a Lei Áurea,  
Preconceito permanece escancarado  
O negro continua a passar sufoco  
E sendo discriminado  
Tudo devido à dificuldade  
Em aceitar a diversidade

Com uma realidade desgastante  
Já sem motivos para sorrir  
Acha, em suas escritas, conforto  
Força para poder seguir  
Como um local de desabafo  
Área para se expressar  
Em seus relatos, encontra  
Um refúgio para se acalmar

Inconformada com as condições  
Almejava de vida mudar  
Do quarto de despejo, partir  
E, na sala de estar, habitar  
Com uma vida boa e justa  
Da qual pudesse aproveitar  
Alcançar sua liberdade  
E finalmente descansar

Relatos são marcos  
Que não devem ser esquecidos  
Cada um tem importância  
E Carolina sabia disso  
Por isso, escrevia  
Por isso, relatava  
Sua história de vida  
Que para sempre será lembrada



*Arte de Matheus dos Santos da Arte de  
Brunno Roberto da Costa da Silveira,  
Maurício Gabriel Balbino Soares  
Madeira e Miguel Soares  
de Oliveira.*



## UMA HEROÍNA ESQUECIDA

Poesia de Maria Fernanda Machado Santos,  
 Rafael de Almeida Prudencio, Rebeca da Silva Paes  
 e Marcelo Gonzalez do Nascimento

Do Canindé a Santana  
 O relato de sua realidade  
 Sem fantasia nem falsidade  
 Foi o que fez sua fama  
 Batalhadora e compositora  
 Estava sempre a relatar  
 Essa foi Carolina  
 Que nunca deixou de acreditar

Desde pequena, tinha um sonho  
 Que custou a se realizar  
 Do encontro com um jornalista  
 Teve a chance de prosperar  
 Se tornar uma escritora  
 Encontrar o seu lugar  
 Viver propriamente a vida  
 E não apenas mais um dia aguentar

Expondo o cotidiano  
 Expressando as dificuldades  
 Ali estava ela  
 Compartilhando sua verdade  
 Assim se revela  
 Uma escritora de alto nível  
 Que fez o impossível  
 Escrevendo sobre a favela

Com seu livro publicado  
 Viu seu destino se alterar  
 Da extrema pobreza  
 Outro caminho foi trilhar  
 Se mudou para Santana  
 Conquistou a sua fama  
 E fazendo o que ama  
 Conseguiu se superar

Mas nem tudo eram flores  
 E problemas encontrou  
 De seus vizinhos na favela  
 Desconfiança enfrentou  
 Não gostaram da exposição

Veracidade de sua escrita  
E raiva adquiriram

De palavras uma vez ditas  
Com o seu reconhecimento  
Objetivos conquistados  
Se viu ao mesmo sofrimento  
Quando a mídia lhe deixou de lado  
Como um artigo de consumo  
Acabou por perder seu rumo  
E vista com curiosidade  
Logo foi despejada por sua própria  
sociedade

Em meio a todo o caos  
Sua fé ainda mantinha  
Que tudo daria certo  
Que se recuperaria  
E por sua obra de arte  
Por tudo que fez parte  
Uma saída encontraria  
E por ela lutaria

De Santana para um sítio  
Viu a vida retroceder  
Como catadora retornou  
Para tentar sobreviver  
E quem sabe aguentar  
Mais um dia de batalhas  
Embora estivesse cansada  
De sua extenuante jornada

Como uma heroína esquecida  
Acabou por falecer  
Afastada de todos  
E exausta de viver  
Mas sua representatividade  
Para sempre permanecerá  
Na história da literatura  
Carolina sempre estará



*Arte de Brunno Roberto da Costa da Silveira, Maurício Gabriel Balbino Soares Madeira e Miguel Soares de Oliveira*

## NASCE UMA MULHER

Poesia de Maria Heloisa Segadas Nunes,  
 Ruan Victor de Paiva Gomes, José Henrique Ciriaco Ferreira,  
 e Júlio César Ladoga Machado

Nasce uma mulher  
 Neta de escravos,  
 Filha de uma analfabeta  
 Saiu de Minas pra ganhar a vida em Sampa  
 Deixando sua terra natal  
 Na esperança de viver melhor em São Paulo, a capital

Preta  
 Da favela  
 Trabalhadora  
 À noite, catava papel  
 Sobrevivia com o que recolhia  
 E, no final do dia,  
 Não esquecia  
 De relatar seu cruel dia a dia

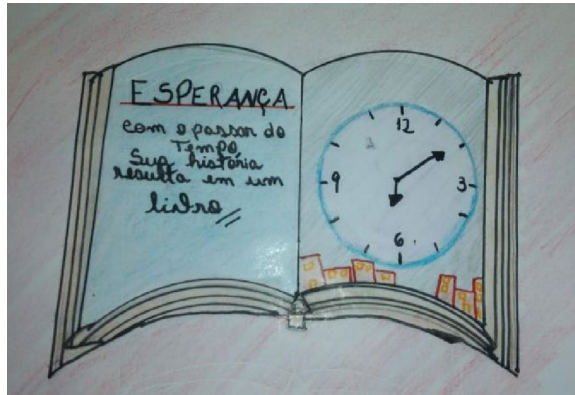
Com o passar do tempo  
 Sua história resulta em um livro  
 Esperança  
 Foi o que pensou  
 Mas não,  
 Os cidadãos  
 Eram incapazes de acreditar  
 Que tal mulher  
 Era capaz de produzir  
 Algo tão esbelto

No topo do mundo  
 Descobriu o seu dom,  
 Continuava sentindo amor  
 A cada dia,  
 A dificuldade não tirava seu prazer de escrever.

Sua vida mudou,  
 Carolina agora tinha seu devido valor.  
 Seu retrato agora era de uma poetisa,  
 Sobrevivente de uma sociedade que não lhe deu opção.

A primeira escritora negra do país,  
 Logo lançando seu best seller  
 Que o país mude em breve  
 E as crianças possam ler este exemplo de escrever.

Arte de Maria Eduarda Moraes Figueira  
 Rabelo, Mariana Ignacio Gulão e Miguel  
 Lucas das Neves



## VIVENDO UMA REALIDADE DURA



*Poesia de José Henrique Ciriaco Ferreira,  
 Maria Heloisa Segadas Nunes, Ruan Victor de Paiva Gomes  
 e Júlio César Ladoga Machado*

Vivendo uma realidade dura  
 E, ainda,  
 Sem ajuda  
 Nas frase de Carolina, a gente percebe  
 Dor  
 Bastante tristeza pra uma pessoa só  
 Mas...  
 Nada pode lhe machucar,  
 Afinal, tinha dois filhos pra cuidar.

Quem não sabe o que é fome só vai pra favela pedir voto  
 Mas ninguém liga de verdade,  
 Depois de receber o que se quer em troca  
 Na primeira oportunidade, cai fora

A realidade do pobre é difícil  
 Comer o que tem em casa  
 Mas...  
 E quando não tem nada?  
 Muitos não têm nem a oportunidade de ir à escola  
 E ainda tem quem ousa dizer que cota é esmola

A escravidão acabou  
 Não tem mais Zumbi  
 Mas, na verdade, nada mudou  
 Os mesmos ainda estão nos quartos de despejo  
 Estar no quintal ainda dói  
 A única diferença é que já morreram todos os heróis.

Quem lutou de verdade não recebe o mérito  
 Os papéis foram trocados  
 Tiraram dos escravos o lugar de heróis da própria história  
 De Isabel, todo mundo fala  
 Quero ver falar de Dandara

Na lei pra inglês ver,  
 Tá o nome Isabel  
 Mas Princesa Aqualtune,  
 Ganga Zumba que fizeram de verdade.  
 Quanta hipocrisia!

Eu ainda espero uma "Lei Áurea"  
 Só que agora com o nome

O nome dos que lutaram de verdade.  
 Aguardo o dia em que os filhos de hoje  
 Estudem que José do Patrocínio  
 Foi quem realmente lutou  
 Isso é o mínimo.



*Arte de Maria Eduarda Moraes  
 Figueira Rabelo, Mariana Ignacio  
 Gulão e Miguel Lucas das Neves  
 Estanislau.*



"Os mesmos ainda estão nos quartos de despejo"



*Arte de Maria Eduarda Moraes Figueira Rabelo, Mariana Ignacio  
 Gulão e Miguel Lucas das Neves Estanislau.*





### Arte de abertura da seção

Marcio Edgar dos Santos Sales, Karolayne Silva dos Santos e Ana Clara Batista da Silveira.

### Produção audiovisual

Thomás Pontes Santiago e Wanderson Bueno Pacifico.

### Organização

Ana Clara Batista da Silveira, Lucas Nunes Ferreira da Silva, Matheus Afonso Neves da Costa Lima, Júlia de Freitas Borges e Júlia Gonçalves da Silva Leocadio.

### Seção II - 1001 B

[https://youtu.be/q\\_EzDzltaeE](https://youtu.be/q_EzDzltaeE)



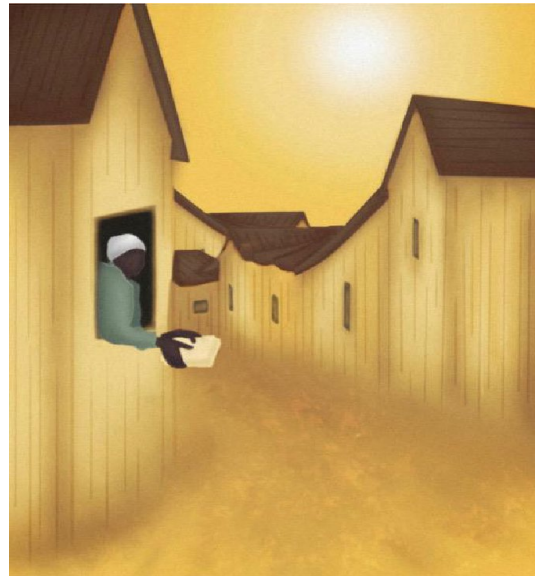


## CAROLINA MARIA DE JESUS

*Poesia de Bruno Garcia, Breno Oliveira,  
Rayhan Chamoun e Kayc Rodrigues*

Uma mulher que, por muito tempo, carregou uma cruz  
 Uma cruz posta pela sociedade  
 Que dizia já ter a igualdade  
 Como poeta, Carolina parecia o Kaká dando bicicleta  
 Porém, a sociedade era muito indiscreta  
 Afinal, como uma negra iria saber escrever e ler naquela época?  
 Demonstrado tamanho talento, as pessoas ficaram inquietas  
 Com o pouco que Carolina ganhava,  
 Mal se alimentava  
 Tinha dificuldades de, até mesmo, alimentar os próprios filhos  
 A situação dela poderia se comparar a dos andarilhos  
 Carolina buscava o conhecimento  
 Devorava os livros da casa do seu patrão  
 Ela estava obtendo o seu próprio fortalecimento  
 Afinal, ela queria e conseguiu mudar esse padrão  
 Poderia não ser rica de bens materiais,  
 Mas ficou rica em conhecimento  
 O seu dom e talento eram sem iguais  
 Existe maior riqueza do que o seu próprio fortalecimento?  
 Carolina era uma mulher negra e de periferia  
 Pobre e não foi aceita pela sociedade  
 Porém, quando lia seus livros e fazia seus poemas, se enchia de alegria  
 Até que comprou uma casa, voltou para Minas, onde morreu com 62 anos de idade.

*Arte de Ana Luíza  
Santos de Andrade.*



## FOME, MISÉRIA E MORTE NA RUA

*Poesia de Bruno Garcia, Breno Oliveira,  
Rayhan Chamoun e Kayc Rodrigues*

Fome, miséria e morte na rua  
Essa é a vida nua e crua  
Nesse momento, a mãe está chorando  
Sem dinheiro para comer enquanto a criança está brincando  
No almoço, não há nada na tigela  
E a criança sentada já está ficando amarela  
No morro, um rapaz chora, pois um policial o levou mais um parente  
“O mundo é tão injusto, meu irmão era só um adolescente”  
Na rua, uma criança anda sem sapato  
Enquanto faz carinho em um vira-lata com carrapato  
Na minha opinião, sortudos são os que vão  
Os que ficam têm que viver em um país manchado pela corrupção  
Política, isso é um problema  
Divide um país quebrado  
Povo sofre sem dinheiro, pois o dinheiro tá com a suprema  
E o pobre trabalha muito e nem é assalariado  
Um país imundo com muito sangue derramado  
Sem o básico pra viver  
A realidade do brasileiro é ter que lutar pra sobreviver  
Enquanto pessoas morrem, um maluco é exaltado  
“Bandido bom é bandido morto, tá ok?”  
Cara, quando você vive em uma zona de guerra, não tem nada ok  
Se eu ligar a TV agora, vou ver mais de 170 mil mortes por COVID  
Na festa do bom senso, o presidente não recebeu o convite  
Nesse momento, a minha mensagem já foi passada  
Resta saber de vocês, vão fazer alguma coisa ou vão ficar de palhaçada?

## MAIS UM DIA DE BRASIL

*Poesia de Bruno Garcia, Breno Oliveira,  
Rayhan Chamoun e Kaye Rodrigues*

Mais um dia no Brasil.  
A aula começa cedo e o que o menino pensa:  
pra quê alarme, quando há tiros de fuzil?  
A professora não ficaria brava  
E, se não parassem,  
seria mais um dia sem aula.

Andar na rua, brincar de amarelinha enquanto as balas caem do céu  
e voltar pra casa antes do jornal terminar,  
porque o menino quer ver qual amigo morreu no dia e qual será o próximo velório que irá.

Mas a Kettelen, o Kauã e o Jefersson eram gente de bem,  
só que as balas não escolhem seus alvos.  
Não é o que dizem? Não deveriam estar na rua na hora da operação.  
Mas, eram crianças,  
agora jazidas no chão.

Mais um dia no Brasil.  
A única coisa que não costumam dizer é que não viram o negro ser atingido.  
Quando, na verdade, se preocupavam se, em suas mochilas, armas haviam escondido.  
Mais um dia no Brasil.  
O bandido sobe o morro e o menino desce.  
Seu sonho é ser jogador de bola,  
mas não importa pra eles se, no caminho da escola, resolve dar um pão pra um amigo.

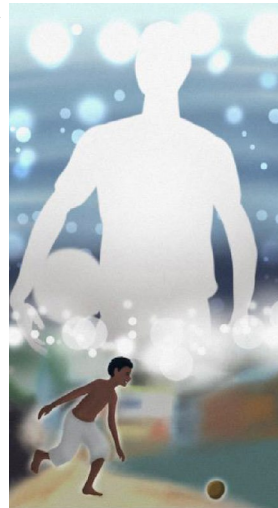
Um amigo que se perdeu na boca.  
A polícia o prende como cúmplice do tráfico de drogas.  
O menino tenta falar que o irmão já não come há dias e está febril,  
mas a farda deixa o homem orgulhoso  
e, nem após o linchamento do familiar, justiça o menino viu.

E ele continuou a descer o morro,  
chorando e apelando pro governo ajudá-lo.  
Uns jogaram migalhas, prometendo educação e emprego nas estatais,  
tudo longe da favela e escolas municipais.

Outros deram armas aos imbecis,  
jogaram esperanças na cara do povo  
enquanto, a cada dia, mortes ele ainda viu.

E sabe qual é o pior disso tudo?  
Esse é só mais um dia no Brasil.

*Arte de Ana Luíza  
Santos de Andrade.*



## UMA SITUAÇÃO “COMUM”

*Poesia de Bruno Garcia, Breno Oliveira,  
Rayhan Chamoun e Kayc Rodrigues*

A situação no Brasil, é fácil de se entender,  
Enquanto uns catam migalhas pra de fome não morrer,  
Alguns filhos veem os pais rapidamente adoecer.

Uma mãe de 3 filhos luta diariamente pra vencer.  
Diariamente crianças morrem.  
“Muito triste, mas é normal!”

Preço da gasolina subiu  
“Vamos fazer uma manifestação quase internacional?”

Você se pergunta,  
“Onde está tudo isso? Toda essa algazarra?”

A resposta é simples,  
É difícil ver a dor da janela da sua casa.

“Onde está toda essa dor?”  
O silêncio, sobretudo, é ensurdecedor.



*Arte de Juliana Pereira, João Romão, Gabriel Lima e Kauã Barbosa de Jesus.*

## COMO DIZIA O POETA

*Poesia de João Alencar, Ícaro Alencar,  
Álvaro Azevedo dos Santos e João Carlos  
Rodrigues Maura Rocha*

Como já dizia a poeta,  
O negro só é livre quando morre  
Quando ele morre, há comoção  
Mas, a justiça é uma negação

E o caso Carrefour?  
Aquilo foi uma aberração  
Seguranças despreparados  
E sem amor no coração

Temos o caso Marielle  
Até hoje sem explicação  
Será que eles acham piada?  
Eles nos devem satisfação

Tudo isso parece novela  
Que sempre há reprise  
Até quando esse enredo vai ocorrer?  
Será preciso outro Luther King nascer?

E, no fim,  
Ficam uns questionamentos  
Até quando isso vai acontecer?  
Quantos precisarão morrer?



*Arte de Juliana Pereira, João Romão, Gabriel Lima e Kauã Barbosa de Jesus.*

CAROLINA MARIA DE JESUS  
VIU, NA ESCRITA, A LUZ

*João Alencar, Ícaro Alencar, Álvaro Azevedo  
dos Santos e João Carlos Rodrigues Maura Rocha*

Carolina Maria de Jesus viu, na escrita, a luz  
Para mostrar a todos como é a dor de um favelado  
E quanta experiência ela lhe produz.

Assim como ela,  
Também vivo na favela  
Não convivo com a fome e a pobreza  
O principal problema é a guerra.

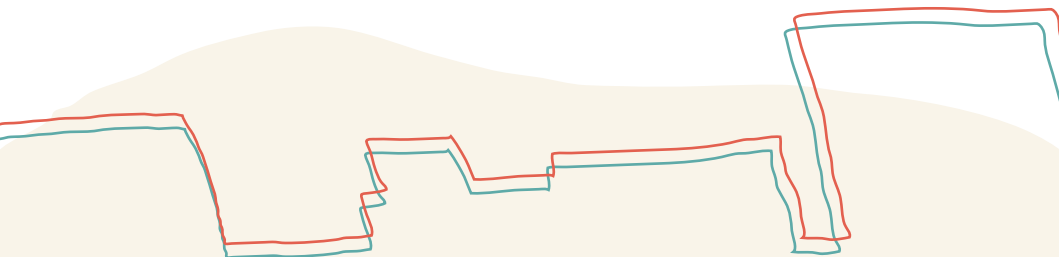
Canindé ou Morro do Sinal  
Locais distantes  
Porém, com sofrimentos constantes.

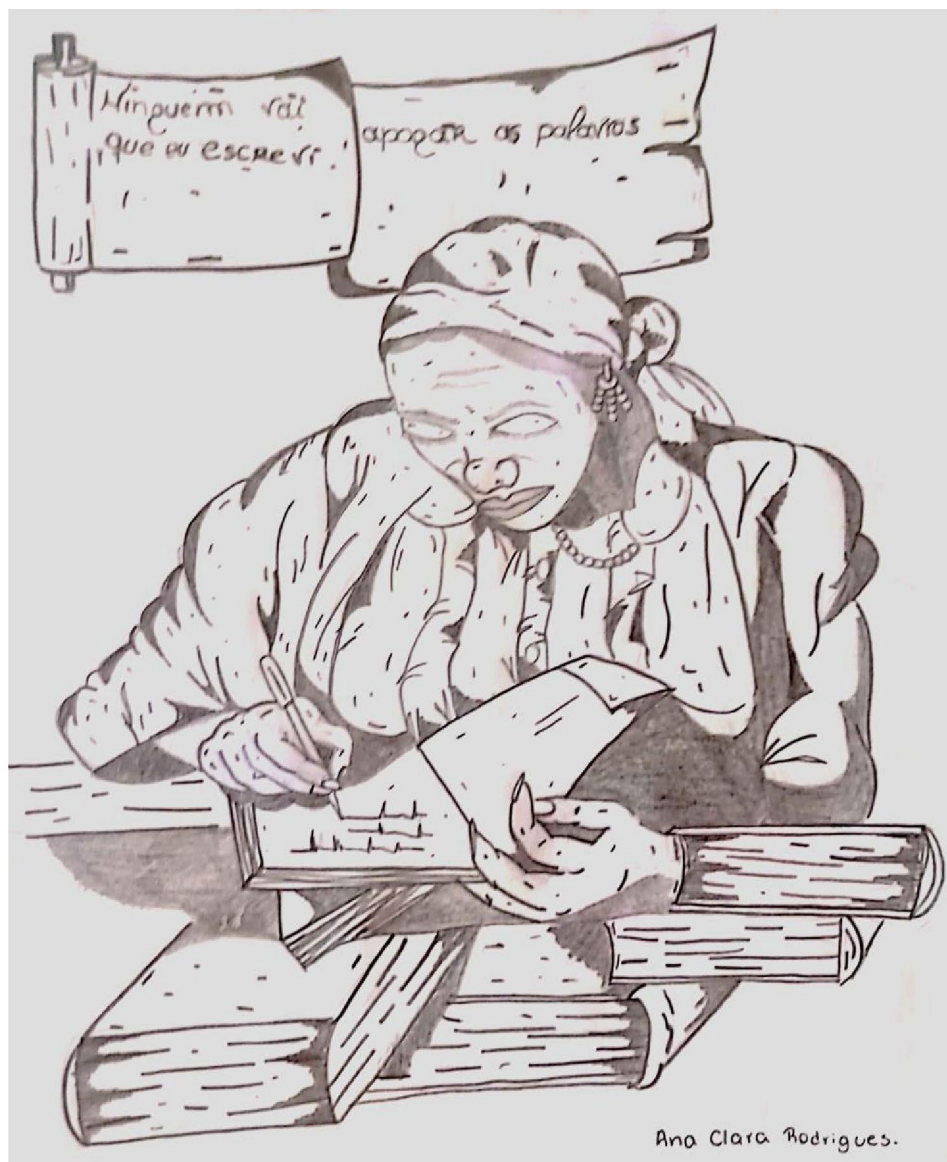
A amarela ou uma bala perdida  
Ambas podem acabar com a vida  
Em tom de comparação,  
É mais fácil ganhar um tiro vindo de um policial do que uma alimentação.

De 1960 a 2020,  
Vários anos se passaram e o favelado não quer nada demais  
Com pouca expectativa de vida,  
Os moradores de comunidade só querem respeito e paz.

Minha vivência não chega nem perto da de Carolina  
Mas quis mostrar meu ponto de vivência daqui de cima  
Onde os nossos seguranças nos oprimem  
E o mais triste é ver os 'menor' se envolver no crime.

Mas, vivendo em meio à dor,  
A simplicidade é o que mais tem valor  
Desde Carolina até hoje, o favelado segue sendo colocado pra trás  
E, mesmo com toda dificuldade,  
A favela vive sangrando e implorando por paz.





Arte de Ana Carla Lemos dos Santos Morgado, Ana Clara Rodrigues Ramos, Arthur Nunes Faria e João Pedro Gonçalves Tosetti.



## ENCONTRANDO TESOUROS

*Poesia de Cristian Vitor Ribeiro de Souza e Kaiky Carvalho da Silva*

“Eu estava procurando inspiração para fazer um poema, e percebi que, no Brasil, o slam é dominado pela cultura marginal/periférica e, geralmente, com um discurso de revolta e melancolia; mas eu pesquisei um pouco mais e vi que, no mundo, os poemas são mais alegres, calmos e até engraçados, como o do campeão mundial de 2012” (Cristian Vitor Ribeiro de Souza).

Your name is Harry baker  
But my name isn't Harry Baker  
So our name aren't the same

E isso me deixou alegre, porque eu não gosto de expressar raiva ou tristeza, então poderia assim expressar alegria...

Mas eu precisava de nota  
Falar sobre a periferia  
Não tive resposta...

Mas, afinal, a favela é só tristeza?  
Um quarto de despejo com muita sujeira?  
Será que só há pobreza?  
Não há riqueza?

Será que há apenas dor?  
Será que só tenho uma caneta hidrocor?

Talvez me falte papel  
Posso pegar um pincel?  
Pegar uma aquarela...  
Pra pintar uma tela?

Pra mostrar que na favela  
Tem tesouro  
Um baú cheio de ouro

Gente com capacidade  
Criatividade  
Mesmo em meio à dificuldade,  
Capaz de fazer sua arte  
E, da favela, um museu...



*Arte de Ana Carla Lemos dos Santos Morgado, Ana Clara Rodrigues Ramos, Arthur Nunes Faria e João Pedro Gonçalves Tosetti.*

*Juliana Pereira, João Romão,  
Gabriel Lima e Kauã  
Barbosa de Jesus.*



“OFF!” (SUSPIRO)

*Poesia de Cristian Vitor Ribeiro  
de Souza e Kaiky Carvalho da Silva*

Eu ‘tô’ cansado, eu ‘tô’ cansado  
De olhar pro lado, de olhar pro lado  
E ver problema  
Ver problema em todo lado

Sem desânimo,  
Levantar pra mais um dia,  
Sem escândalo, família,  
Lutar pelo pão de cada dia

Suor na testa,  
Sangue a 40 graus,  
Sozinho resolvendo os problemas  
Segurando um pouco de paz

Mas, a cada 4 anos,  
Retorna o papo  
A cada 4 anos,  
Quando termina o mandato

Vem um prometendo  
Ficar do nosso lado  
Chega dizendo  
“Farei o certo, não o errado”

Mas, o que fazem?  
Nos protegem?  
Não,  
Apenas tiram o que é da gente.

Dizem fazer favores  
Mas o que estão pensando?  
Sou eu que ‘tô’ pagando  
E pagando horrores

E eu ‘tô’ cansado  
Cansado de pagar  
E não ter solução  
Cansado de falar, reclamar  
E não ver reação

O problema não ‘tá’ nas folhas da árvore  
O problema ‘tá’ na semente  
O problema não ‘tá’ na favela  
O problema ‘tá’ acima da gente  
Esse não é o diário da Carolina Maria de Jesus  
É apenas o suspiro de alguém carregando a sua cruz...  
Off! (alívio)



### Arte de abertura da seção

Arthur Nunes Faria, Kayc Rodrigues, João Carlos Rodrigues, Daniel de Sá, Yan Marcelo Ferreira, Rayhan Chamoun, Ana Luiza Santos e Álvaro Santos.

### Produção audiovisual

Gabriel Buas, Daniel Pinheiro, David Lobão, Emanuel Feijó e Jamilly Gabriela.

### Organização

Julia Queiroz, João Pedro Prado, Iago Fidelix, Igor Pinheiro e Gabriel Farias.

Seção III - 1004 A

<https://youtu.be/PfVO97j-Zxk>

SEÇÃO IV - 1004B  
[https://youtu.be/zcbXHxh\\_xa0](https://youtu.be/zcbXHxh_xa0)

*Inspiração de  
Uma arte esquecida*



"o livro é a melhor invenção do homem."

## O DESPEJO É A NOSSA TRAGÉDIA

*Poesia de Rafael Ribeiro, Leticia Nunes,  
Maria Cláudia e Lucas Gabriel*

Oficina de preconceito,  
se é preto não é aceito  
numa elite só de branco,  
Carolina causa espanto  
fazendo ode à favela  
sem romantizar, sem balela  
só poesia nua d'uma vida amarela

sem comunismo, só realismo  
pedindo pouco e comendo lixo  
dos que vivem no topo endeusando o "mito",  
enquanto o preto morre de tiro.

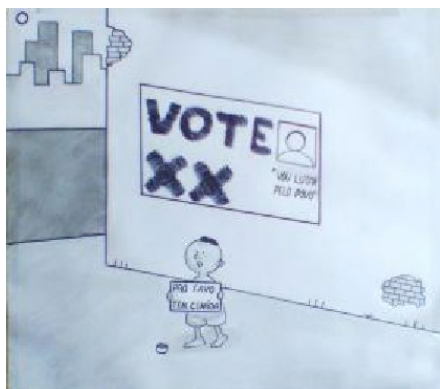
dizer que é vitimismo é fácil  
quero ver ser espancado,  
perseguido e chamado de macaco  
porque, enquanto branco faz "hashtag",  
mais um preto é morto pelo fardado

Brasil é o país do preconceito  
aqui, playboy passa com baseado na mão,  
mas, se fosse preto e pobre,  
era direto pra prisão,  
e ainda dizem que não há discriminação

guerra às drogas  
põe o jovem pobre no caixão  
com esses políticos que não entendem a realidade  
com leis e mais leis  
que não condizem com problemas de verdade.

é tanto racismo e exclusão,  
que o preto e favelado  
mal tem acesso à escolaridade  
é triste saber que dependemos do governo desses animais,  
aqui, enquanto uma parte passa fome, a outra pede mais.

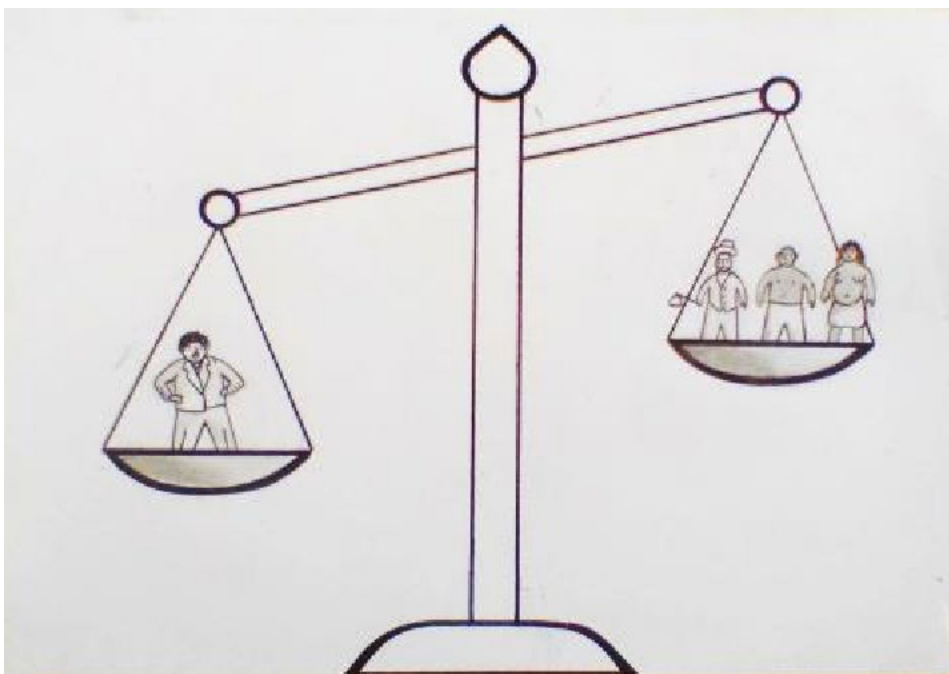
dizem que temos os mesmos direitos,  
mas sabemos que, no Brasil,  
não funciona assim  
mesmo que existam aqueles que neguem os problemas sociais,  
é como Carolina diz:  
"as misérias são reais!"



*Arte de Matheus Vieira, Ryann Goulart, Sergio Porto e Marco Alberto.*



*Arte de Otavio Augusto, Priscila Maia, Alex Fortunato e Roberto Garcia.*



*Arte de Matheus Vieira, Ryann Goulart, Sergio Porto e Marco Alberto.*

## JÁ DIZIA CAROLINA

*Poesia de Rafael Ribeiro, Leticia Nunes,  
Mária Cláudia e Lucas Gabriel*

Brasil, um país lindo sim!  
porém, onde o preto não pode ter orgulho de si  
nossa pele é discriminada  
somos apenas raça  
pretos, pardos, amarelos e indígenas  
isso é um absurdo!

ontem, mais um virou estatística  
largado no asfalto  
mais um “confundido” como ameaça à população da periferia

ameaça são eles  
que mataram mais um filho inocente de uma Maria.

a escravidão não acabou e somos prova disso.  
o rico trabalha de casa  
enquanto o pobre quase se mata para receber um salário mínimo  
que, por sinal, hoje não dá pra nada  
pagar aluguel, água, luz e comida.

ainda aparecem na TV  
e dizem que nos ajudam de diversas formas  
parece uma grande piada,  
mas já dizia Carolina:  
“antes o que oprimia o homem era a palavra calvário,  
hoje, infelizmente, é o salário!”

ouviu-se uma voz,  
veio lá de perto do tambor  
do preto, pobre e sonhador  
quem vê assim  
pensa ser uma história de terror  
da preta que acorda cedo para trabalhar, para depois estudar,  
do preto que tem de escolher  
entre trabalhar ou trabalhar

acordou cedo,  
procurou e procurou  
e, para piorar, o dinheiro faltou

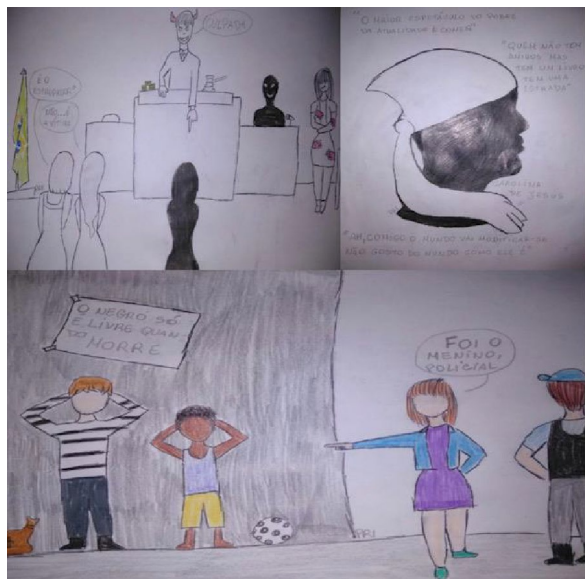
na correria,  
a preta vai para a faculdade de História  
“chegou tarde” – o branco disse –  
“você perdeu a aula sobre racismo!”



e, assim, ela luta  
 para ganhar o respeito  
 e ainda ouve do burguês da cidade:  
 “cota e auxílios não passam de caridade  
 para sustentar os pobres da cidade”  
 parecida foi a história de Carolina de Jesus,  
 sonhou, sonhou,  
 o seu barquinho afundou,  
 e, na literatura das emoções,  
 sua voz ecoou!



*Arte de Matheus Vieira,  
 Ryann Goulart, Sergio  
 Porto e Marco Alberto.*



*Arte de Otavio  
 Augusto, Priscila  
 Maia, Alex  
 Fortunato e  
 Roberto Garcia.*

## VIVER UMA VIDA

Poesia de Leonardo Cruz

Viver uma vida  
Sem oportunidade  
Sem saber como poderia  
Crescer de verdade

O que falta? Pode até ser  
Educação, dinheiro ou poder  
E o que pode mudar?  
Uma chance de melhorar

Pois “pobre não descansa”  
Não para de tentar  
Mesmo se cair ao lutar,  
Não pode repousar

Chance de mostrar  
O que pode fazer  
Aprender  
Crescer

Sim, um quarto de despejo  
Onde o único desejo  
É poder ficar à vontade  
Em um lugar na sociedade

Por que não tentar?  
Uma chance a todos dar?  
Todos podemos provar  
Que também podemos lutar?

Uma barreira que nos separam,  
“Quem inventou a fome são os que comem”  
E os que não comem  
Experienciaram

Não é menos capacitado  
Quem deixou de lado,  
Só não mostrou ainda  
Que pode vencer na vida



Arte de Victoria de Oliveira, Thyago Andrade e Thomas Alvarenga.





---

*Victoria de Oliveira, Thyago Andrade e  
Thomas Alvarenga.*

## INJUSTIÇA

|||||  
*Poesia de Lucas de Brito Carmo, Luiza Willemen,  
 Reinaldo Junior e Nattan Gomes Silva Cortes*

Quem diria que o mundo  
 tão grande e diverso  
 seria tão ruim,  
 cruel e perverso

Vemos uns sofrendo  
 outros sorrindo  
 continuam vivendo  
 continuam fingindo

“Isso não é certo”  
 Muitos deles falam  
 Mas, se é pra ajudar,  
 eles se calam

Eles não se importam  
 e se deterioram  
 cegos pelo ouro  
 só ignoram

O mundo não é justo  
 isso todos sabemos  
 se não nos ajudarmos,  
 nos destruiremos

Dentro dos afetados,  
 uma se destacava  
 pois, mesmo no escuro,  
 sempre brilhava

Carolina era seu nome  
 batalhadora de nascença  
 por sua vida lutava  
 comida era sua recompensa

Passava dificuldades  
 mas precisava trabalhar  
 difíceis eram as saudades  
 que precisava enfrentar

Saudades das suas crianças  
 que dependiam dela para ter comida  
 então, precisava ter esperanças  
 e esquecer essa ferida

Nem por isso ela parava  
 nem por isso ela desistia  
 sempre entretendo o mundo  
 com suas belas poesias

Vivendo em meio da lama,

ela aprendeu uma coisa  
 a proteger quem ama  
 desse mundo maluco

Muitas outras pessoas,  
 nessa parte, apodreciam  
 não tiveram tanta sorte  
 e perderam as suas vidas

Esse tipo de vida  
 se mantém até agora,  
 afetando muitos,  
 deixando-os de fora

O negro sofre  
 o pobre também  
 vagando perdido  
 nessa terra de ninguém

Precisamos agir  
 e tomar providência  
 ajudar os outros  
 que têm essa carência

O negro apanha  
 o pobre implora  
 qual é o problema  
 do mundo lá fora?

O mundo está podre  
 e ele só piora  
 vamos nos mexer  
 a hora é agora

Sentido na vida  
 todos têm um  
 somos todos iguais  
 esse é o senso comum

Então vamos lá  
 fazer a mudança  
 fazer a diferença  
 fugir da matança

Temos que mudar  
 temos que crescer  
 temos que ajudar  
 para assim viver.



## CAROLINA MARIA DE JESUS

|||||  
 Poesia de Lucas de Brito Carmo, Luiza Willemen,  
 Reinaldo Junior e Nattan Gomes Silva Cortes

A arte tornou-se forma  
 O céu se ilumina  
 A estrela brilha  
 Humildemente chega ao mundo  
 Do coração de Sacramento,  
 Carolina Maria de Jesus.

Desde criança,  
 já se manifestava  
 educação e escola  
 era o que queria.  
 Agora sem mãe e sozinha  
 o mundo há de enfrentar  
 e a vida não compreendida.  
 Jogados no quarto de despejo,  
 para a sala de visita,  
 são lixo.  
 Abram-se as cortinas  
 o espetáculo começa,  
 nasce a favela!

Comer ou dormir,  
 eis a questão.  
 O favelado não tem um dia de descanso.  
 Se não, é capaz de amanhã não ter um feijão no prato.  
 E a música ecoa na barriga,  
 quem dera fosse de satisfeita!  
 Ovos ou sopa de ossos,  
 não se tem preferência.  
 Ou come, ou passa fome.  
 Dura é a vida do pobre!

De 4 em 4 anos,  
 os de gravatas vêm se importar.  
 Que piada!  
 Na real, apenas nos suportam.  
 Tudo prometem,  
 mas nada fazem.  
 Somos atraídos, deslumbrados  
 e, no final, nos dizem, e daí?  
 E ainda tem os falsos messias...  
 Pra eles, eu digo  
 que a melhor arma  
 é a revolução.

É duro ver o reflexo  
da mulher já desacreditada.  
Que exista conto de fadas!  
Calam a nossa voz,  
tomam posse do nosso corpo,  
destroem a nossa alma.  
Mãezinha, o que eu faço?  
Já a olham com outros olhos  
e ainda falam, é só denunciar!  
Me diz como  
se até com provas  
sou humilhada!?  
Excelência, eu só peço  
RESPEITO!

O racismo não existe?  
Quem te enganou na resposta?  
A cada 23 minutos, morre um jovem negro no Brasil.  
E, aí, não fica preocupado?  
Não adianta, corre pra casa “neguim”!  
É capaz de você nem chegar, ou, pior, morrer no seu lar.  
Leu? Raciocinou? CASA  
lugar de proteção virou de execução.  
A culpa é da vítima, eles dizem.  
Parece que se inverteram os papéis...  
Joelhos no pescoço, não se pode gritar.  
Tiros na kombi, não se pode reagir.  
80 tiros POR ENGANO  
Cadê o exército?  
Espancado até a morte  
Cadê a segurança?  
Até com o uniforme da escola, virou suspeito.  
A carne mais barata do mercado é a carne negra.

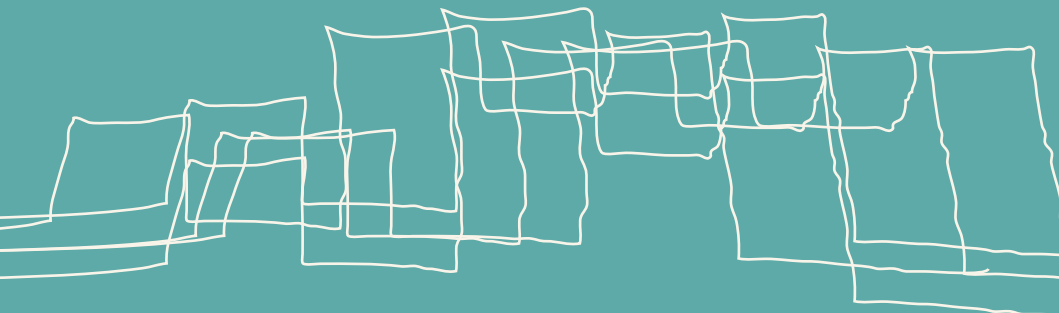
Quem dera tudo isso  
fosse um pesadelo.  
Mas, na verdade,  
essa é a dura realidade  
da mulher, do preto,  
do pobre e do favelado.  
Pega a visão!  
Aqui não é Titanic.  
O navio não afundou.  
Nós tá tipo fênix,  
ressurgindo das cinzas.  
E tenho orgulho de gritar:  
RESISTIMOS!



Entre becos e vielas,  
destacou-se Carolina de Jesus:  
mãe solteira, guerreira, favelada  
e amante da escrita e leitura.  
Em relatos e desabaços,  
mostrou ao mundo  
o olhar do favelado.  
Mostrou que a arma mais poderosa  
de mudar o mundo é,  
sobretudo, a Educação.  
CAROLINA PRESENTE!



*carolina*





### Arte de abertura da seção

Nathan Marques, Lucas Soares, Otávio Tadeu Rodrigues, Rafael Caminha, Priscila Maia, Otávio Augusto Poses, Welther Carlos Matos e Luiza Pontes.

### Produção audiovisual

Lucas Soares da Fonseca Rosa, Otávio Tadeu Rodrigues Assis, Nathan Marques da Silva, Ryan do Prado de Oliveira e Luan Neves Nogueira.

### Organização

Pedro Rodrigues, Marcus Vinícius Maciel Gomes, Welther Carlos Matos e Maxwell Moreira da Silva.

### Seção IV - 1004B

[https://youtu.be/zcbXHxh\\_xa0](https://youtu.be/zcbXHxh_xa0)



## ELES SÃO BONS EM PROMETER

Eles são bons em prometer  
Nós, em esquecer  
Custeamos seus ostentos  
Às nossas almas, perecimento

As pupilas veem o amarelo  
O amarelo, não o lúdico, mas sim o amarelado  
Que lhes aflige a essência  
Subjugados pela avareza  
Confinados pela negligência  
Meritocracia? Uma proeza

Tampouco à mercê do esplendor eterno  
Suscetíveis ao tremor como subalternos  
Vivendo no verdadeiro inferno  
Nem mesmo dignidade para sobreviver  
Somos muitos, grandiosos e numerosos  
Somos nada aos olhares danosos  
A hereditariedade nos proporciona exclusão  
Quantos Caninés foram deixados em vão?

Nas páginas da história queimaram nosso prelúdio  
Em troca nos deram repúdio  
Prometidos ao ódio visceral  
Afetados pelo destino paradoxal:  
Não mais escravos  
Mas escravizados pelo custo de vida

Poesia de Mônica Vitoria, Pedro Henrique e Lucas Correia



Arte de Kaio Fabio Ferreira Azeredo, Otávio Augusto de Sousa Brito e Silva, Yasmin Ferreira Belarmino\* e Talia Ferreira Belarmino\*\*.

Arte de Victor Gabriel Viana Barcelos, Yago Santana Alves Soares, Nathã Diniz da Silva Carlos e Millainy Luciano Miranda Gomes



\*Imagem inspirada no poema "Eles são bons em prometer" e no seguinte trechinho de *Quarto de despejo*: "Que efeito surpreendente faz a comida no nosso organismo! Eu que antes de comer via o céu, as árvores, as aves tudo amarelo, depois que comi, tudo normalizou aos meus olhos". \*\* Yasmin Ferreira Belarmino é estudante do 3º ano Ensino Médio Integrado com Técnico em Automação Industrial.

## SEUS PÉS, SEMPRE DESCALÇOS

Seus pés, sempre descalços  
Pela favela se espalhavam boatos  
Em seus cadernos, havia traços  
Ali estavam seus relatos

Narrava seus obstáculos  
A rotina árdua, frustração  
À visão de muitos, um espetáculo  
De curta duração  
Enquanto sonhava com os livros,  
Mantinha papel e caneta em mãos

Foi mãe, poetisa  
Catadora de papéis que vagava pelas ruas paulistas  
Multifacetada, pela mídia foi “valorizada”  
Depois descartada  
De que servia uma antiga favelada?

Que recuperemos suas memórias  
Nos lembremos de sua trajetória  
Cunho artístico  
Teor político  
Sua representatividade,  
Um antídoto.

*Poesia de Mônica Vitoria Pedro  
Henrique e Lucas Correia*

*Arte de Amanda Nunes de  
Oliveira, Julia Cristina da  
Silva, Nicole dos Santos  
Mourente Miguel e Wallace  
Müller de Souza.*



*Arte de Victor Gabriel Viana Barcelos,  
Yago Santana Alves Soares, Nathã Diniz  
da Silva Carlos e Millainy Luciano  
Miranda Gomes.*



## O MUNDO É COMPLICADO

Poesia de Mônica Vitoria,  
Pedro Henrique e Lucas Correia

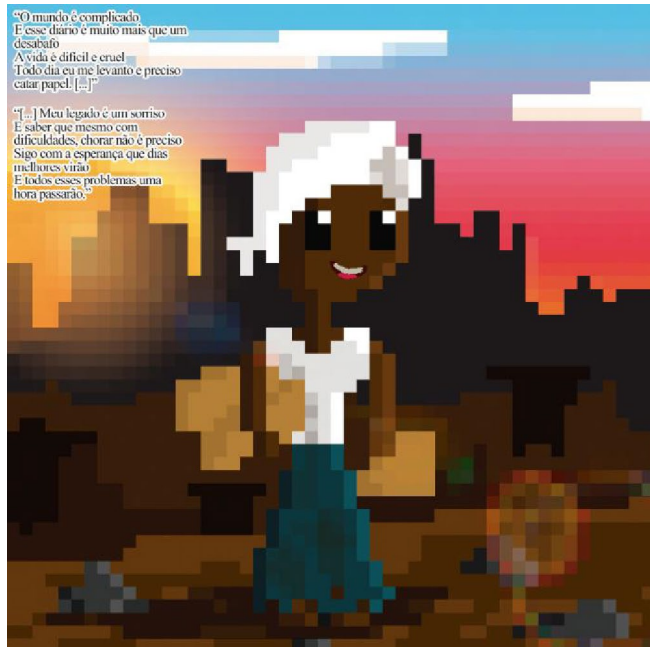
O mundo é complicado  
E esse diário é muito mais que um desabafo  
A vida é difícil e cruel  
Todo dia eu me levanto e preciso catar papel

Aqui nós vivemos sem suporte  
O governo? Só ajuda quem tem sorte.  
E, aqui no Canindé, me sinto presa aos anos  
Minha vida é uma luta tipo gregos e troianos

Eles me julgam e pra sempre vão falar  
Mas ando com a fé, já que não costuma falhar  
E essa é a minha verdade  
Enquanto eu viver, não abro mão da liberdade.

Meu legado é um sorriso  
E saber que, mesmo com dificuldades, chorar não é preciso  
Sigo com a esperança que dias melhores virão  
E todos esses problemas uma hora passarão

*Arte de Victor Gabriel Viana Barcelos, Yago Santana Alves Soares, Nathã Diniz da Silva Carlos e Millainy Luciano Miranda Gomes.*



## MAIS UM DIA DE FAVELA

*Poesia de Mônica Vitoria,  
Pedro Henrique e Lucas Correia*

Mais um dia na favela  
E levanta ela  
E vai pra rua trabalhar  
Que hoje outro dia vai raiar  
Que de novo a fome cresce  
Que Vera precisa de sapato  
E Carolina adoece

E já é outro dia na favela  
E lá vem a mesma cor amarela  
A mesma fofoca  
A mesma perseguição  
Daquele que na teoria seria seu irmão  
Mas que, quando você precisa,  
Não te dá nem uma unha,  
Quem dirá a mão

E já é outro dia no Canindé  
Carolina não tem mais força,  
O que a levanta é sua fé  
Às vezes, Carolina pensa em desistir,  
Mas também pensa nas crianças  
E, bem ali, entre latas e folhetos,  
Ela achou um pouco de esperança

Carolina chega exausta mais um dia  
Faz comida, lava roupa, e ainda alimenta sua filha  
Ela leu, lia mais do que o que a foi passado  
Ela escreveu,  
E como escrevia...  
Deixava com inveja o próprio Machado

Levanta Carolina,  
COM a rotina já tá acostumada  
E vai cantando,  
Porque esse sorriso ninguém apaga  
E chega em casa querendo uma folga  
Pra beber uma cerveja... Não!  
Comprar um bolo  
Mas, calma!  
Seu filho te prometeu que ainda te faz uma casa de tijolo

A vida não é fácil, Carolina  
Isso você sabe bem  
Sua obra, Carolina  
Não vai ser esquecida por mim, nem por ninguém  
Te apagaram, te negaram  
Só porque você tinha algo mais a oferecer  
Pois, no final, por mais que finjam,  
Só querem ver o preto sofrer





Levanta Carolina, a rotina já ta  
acostumada

E vai cantando, por que esse  
sorriso ninguém apaga

CAROLINA MARIA DE JESUS

Não digam que fui rebotalho,  
que vivi à margem da vida.  
Digam que eu procurava trabalho,  
mas fui sempre preterida.  
Digam ao povo brasileiro  
que meu sonho era ser escritora,  
mas eu não tinha dinheiro  
para pagar uma editora.

Arte de Amanda Nunes de Oliveira, Julia Cristina da Silva, Nicole dos Santos Mourente Miguel e Wallace Müller de Souza.

## EM MINAS GERAIS, NUMA ZONA RURAL



*Poesia de Luís Vitor dos Santos Souza,  
Caroline Rodrigues e Ruan Schmidt*

Em Minas Gerais, numa zona rural  
Aprendeu a escrita, de forma casual  
Estudando, encontrou sua paixão  
Escrever, com as palavras de seu coração

Em São Paulo, zona norte, viveu numa favela  
Desempregada, com 3 filhos e abandonada  
Por necessidade, teve que catar lixo  
A fim de sobreviver e sustentar seus filhos

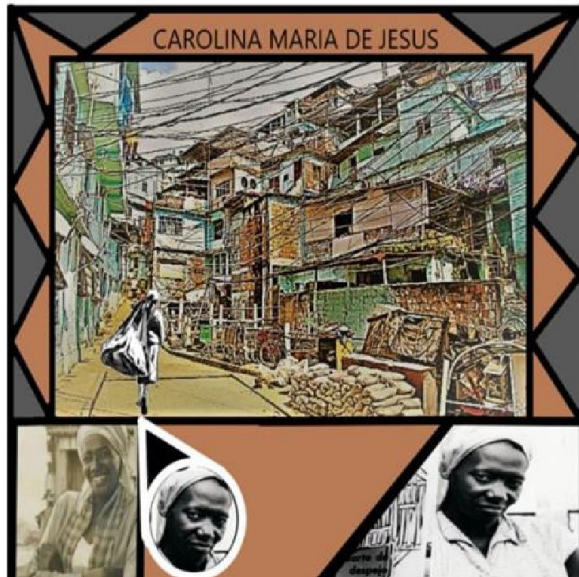
Cansada dessa vida, resolveu escrever um livro  
Registrando os seus dias, de segunda a domingo  
Quarto de Despejo, resultado de seu sofrimento  
Onde demonstrava todo o descontentamento

Certo dia, acordava, hora de tirar a água  
Outro dia, tinha que cuidar das crianças  
Faturamento, brigas, cotidiano, tudo registrado  
Para que tudo que ela passou, um dia, fosse lembrado.

Nesse momento, certamente uma vitória  
A favelada que ninguém ligava, agora, fazia história  
Sua paixão, a escrita, o que gostava de fazer  
Foi o que a fez, em sua vida, crescer

Após a sua morte, ainda fica seu legado  
O sofrimento da periferia, agora atestado  
Para a elite, talvez esta não faça diferença  
Mas, para quem precisa, recebe-a como “bença”





*Arte de Victor Gabriel Viana Barcelos, Yago Santana Alves Soares, Nathã Diniz da Silva Carlos e Millainy Luciano Miranda Gomes.*



*Kaio Fabio Ferreira Azeredo,  
Talia Ferreira Belarmino e  
Otávio Augusto de Sousa  
Brito e Silva.*

## NA MARGEM DA TRISTEZA



*Poesia de Luís Vitor dos Santos Souza,  
Ruan Schmidt e Caroline Rodrigues*

Hoje acordei mais uma vez nessa tristeza  
Vivo na margem da sociedade  
Acordo na tristeza  
Durmo na tristeza

Vivo obrigada a ver meus filhos na tristeza  
Tristeza de não saber se vou comer  
Tristeza de não saber se irei conseguir dormir  
Tristeza de saber que minha tristeza não tem fim

Vivo na margem da tristeza  
Onde o sol não bate  
Apenas na margem  
Na margem da sociedade



*Arte de Amanda Nunes de Oliveira, Julia Cristina da Silva, Nicole dos Santos Mourente Miguel e Wallace Müller de Souza.*

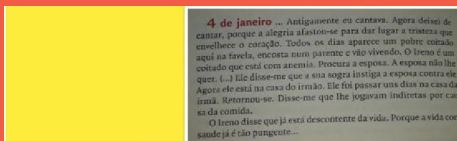


## HUMANIDADE

Poesia de Luís Vitor dos Santos Souza,  
Ruan Schmidt e Caroline Rodrigues

Depois de conhecer a humanidade  
Percebi que eles são interesseiros  
E falsos  
Tratam a gente com cortesia  
Mas é tudo hipocrisia  
Eles são assim

Eu vou envelhecer e morrer  
Eu não quero renascer  
A humanidade é rude e perversa  
Num mundo que não tem bondade, nem festa



Arte de Lúvia  
Fernandes de  
Souza, Samuel  
Dutra Detone,  
Spencer de Souza  
Garcia e Nathã da  
Silva Costa

Arte de Kaio Fabio Ferreira  
Azeredo, Talia Ferreira Belarmino  
e Otávio Augusto de Sousa  
Brito e Silva.



## O PRETO E A PRATA

*Poesia de João Vitor Monteiro  
Mendonça da Silva*

A prata é o metal com poder de reflexão muito elevado.  
Mesmo sendo mais reluzente que o ouro,  
é um metal subvalorizado.  
“Ah, João, mas é porque a prata é encontrada com mais facilidade”.  
Mas, meu amigo, não entendo essa necessidade da procura do ouro.

Isso se assemelha à hoje em dia, sendo o preto, no Brasil, a maioria  
ser alvo de preconceito todo dia.  
Por que o branco é tão valorizado e o preto é tão desvalorizado?  
Por que o branco tem mais oportunidade e o preto é deixado de lado?  
Perante o preconceito, não fico conformado, ver um povo ser esculachado por  
racista safado.

E, mais uma vez, enquanto eu escrevia um texto improvisado,  
mais um homem negro foi executado  
por seguranças do Carrefour, mais um George Floyd foi silenciado e assassinado.  
Como já dizia Baco, “nós vive pela prata, tá, tá, tá”,  
mas nossa realidade é “a polícia vê a prata, e tá, tá, tá”.

A guerra contra o racismo vem, principalmente, do estado.  
Como confiar em alguém que diz proteger  
mas, dia a dia e semanalmente, faz mais um jovem negro perecer  
sem a oportunidade de crescer, se desenvolver e fazer sua vida valer?  
De verdade, eu espero que, um dia, acabe tudo isso.  
Todos os negros, um dia, deixarão o seu legado.  
E que eu não tenha que ouvir de um jovem negro:  
“Ser feliz é utopia”.

*Arte de Livia Fernandes de Souza,  
Samuel Dutra Detone, Spencer de  
Souza Garcia e Nathã  
da Silva Costa*





### Arte de abertura da seção

Otávio Augusto de Sousa Brito e Silva, Vitor Gabriel Santos Costa, Wallace Müller de Souza, Julia Cristina da Silva, Paulo Roberto Soares Oliveira de Carvalho, Thiago Cardoso Pereira e Victor Gabriel Viana Barcelos.

### Produção audiovisual

Vitor Gabriel Santos Costa, Thiago Cardoso Pereira, Paulo Roberto Soares Oliveira de Carvalho e Maria Luiza Sousa Venturini.

### Organização

Rafaela Gouvêa Tavares e Wendell Luiz Porciuncula de Freitas.

Seção V - 1005A

<https://youtu.be/T6jgQt-9kXE>



SEÇÃO VI - 1005B

<https://youtu.be/cnF0U2kJicU>



## CAROLINA MARIA DE JESUS, DA FAVELA PARA O MUNDO



*Poesia de Ana Carolina de Oliveira Matheus,  
Kessya Samira, Davi Santos Fernandes  
e Layse Borges Fernandes*

No dia 14 de março, nascia,  
No estado de Minas,  
Carolina Maria de Jesus  
Futuramente poetisa.

Mãe, preta, guerreira  
Não se envolvia na sujeira  
Apesar de jogada na lama,  
Batalhava de segunda a segunda-feira

Tinha três filhos,  
Vera, João e José  
Não tinham pai, somente mãe  
Que fazia papel de mulher e mulher.

E quem é que não quer?  
Um almoço na mesa,  
Não precisava de muito,  
Nem mesmo de sobremesa.

Acontece que...  
Nem isso ela tinha,  
Filhos pequenos, morava na favela  
Sempre lutando sozinha.  
Não importava se fazia chuva ou sol

Não importava o frio, ela saía  
Precisava cuidar dos filhos  
Solitária pelo caminho, ela ia.

Catava papel, ferro, latas  
E tudo quanto lhe servia,  
Carregava todo aquele peso  
Ia no 'seu' Manoel e vendia.

E, em casa, ela chegava  
Cansada pela sua jornada,  
Todo dia, a fome e a pobreza  
Com a situação, estava revoltada.

E, enquanto descansava, ela sonhava  
Que num paraíso ela estava  
Longe da imoralidade e pobreza  
E, de repente, ela acordava  
E que eu não tenha que ouvir de um jovem negro:  
"Ser feliz é utopia".

E seu estômago ‘roncava’  
 Tudo amarelo ela enxergava  
 E agora o que faço?  
 Ela sempre se questionava.

Todos os dias ela lutava,  
 Com necessidade de se alimentar  
 Procurava um amanhã melhor e acreditava  
 Que um dia a fome não mais a acompanharia.

Ela lutava até onde dava  
 Até onde podia alcançar  
 Ela não parava de caminhar  
 A esperança era a última a acabar.

Pela manhã, ela dançava e cantava  
 Debaixo da luz do sol,  
 “Astro-rei”, como ela chamava.

Quando a noite chegava,  
 Seu peito apertava  
 Rodeada de ilusões  
 Ela se perguntava  
 Quando chegariam esses tais

“Salvadores da pátria”  
 De 4 em 4 anos, ela escutava,  
 Enquanto da rua retornava,  
 Que sua realidade mudaria,  
 Mas não passava de mais uma promessa vazia.

A dura realidade transformou as crianças  
 Que todos os dias enfrentavam a ignorância,  
 Além da violência e do abuso na favela  
 Que atingiam diretamente a vida delas

Carolina não queria mais viver assim,  
 Mas o que poderia fazer?  
 Já que os pretos na sala de despejo  
 Não têm escolha para viver.

Como poderia mudar essa realidade que mata,  
 Se ela rasgava o peito e dilacerava o estômago?  
 Se o perfume que adentrava sua alma  
 Tinha cheiro de lama, excremento e morte?

Como mudaria a história,  
 Se, na escola da vida, ensinaram a ela, na verdade,  
 Que não se tratava de passado e sim de presente,  
 E ainda falavam de liberdade,  
 Quanta coragem...

Com o que mais seria condenada além da miséria?  
 Miséria que deixou profundas marcas,  
 Marcas que ficaram na alma  
 Que jamais seriam curadas.

Das mãos calejadas que acalentavam os filhos,  
 Catavam papéis e separavam intrigas,  
 Os olhos estavam cansados de ver sempre a mesma coisa  
 Pobreza e brigas.



Arte de Nicolle Couto De Oliveira, Victor Heringer de Souza, Ana Carolina Theodoro e Giovanna Gonçalves Marcelo\*

Arte de Nicolle Couto De Oliveira, Victor Heringer de Souza, Ana Carolina Theodoro e Giovanna Gonçalves Marcelo\*\*.



Arte de Gabriel Prazeres\*\*\*.

\*Desenho inspirado no seguinte trecho do poema "Carolina Maria de Jesus, da favela para o mundo": "Catava papel, ferro e latas/E tudo quanto lhe servia/Carregava todo aquele peso/Lá no 'seu' Manoel vendia" / \*\*Desenho inspirado no seguinte trecho do poema "Carolina Maria de Jesus, da favela para o mundo": "Tinha três filhos/Vera, João e José/Não tinham pai, somente mãe/Que fazia papel de mulher e mulher". / \*\*\*Desenho inspirado no seguinte poema "Carolina Maria de Jesus, da favela para o mundo".

## SOBRE VIVER: A LUTA DE CAROLINA MARIA DE JESUS



*Poesia de Ana Carolina de Oliveira Matheus,  
Kessya Samira, Davi Santos Fernandes  
e Layse Borges Fernandes*

A mensagem foi recebida  
Sim, senhor  
Dizia que a liberdade  
Acabava com a dor  
Mas eu sabia o que ocorria  
“O negro só é livre quando morre”  
Minha mente dizia

E tudo se complicou  
Depois que o Estado  
À essa conclusão chegou  
Tentaram liberdade em massa  
O resultado?  
Perdas de almas que poderiam ser salvas

Mulher, preta, favelada  
Constantemente era julgada  
Alguém que só levava tapa na cara  
Como poderia ser delicada?

Até no lixão, nasce flor,  
Eles retrucavam  
E, então, ela se perguntava  
Se o erro estava  
Em suas mãos calejadas  
Que não conseguiram os incendiar  
Com uma realidade florida

Ou será que a culpa vinha  
Do sangue pisoteado na rua?  
Do marido que batia na esposa?  
Do roncar do estômago de seus filhos?  
Como escreveria sobre flores  
Se lhe restaram os espinhos?

E muito falava sobre a fome  
Que machucava o estômago  
Deveria dar ênfase  
Ao racismo que feriu a alma

Mas é que eram tantas lutas  
Que lhe faltavam estrofes  
Escolhia uma pra falar  
Enquanto outras 10  
A encurralavam em um beco e  
Lhe obrigavam a sobreviver  
Ao invés de viver

E, quando se sobrevive,  
Se aprende a ressignificar seus sonhos  
Sem luzes, sem show  
O maior espetáculo do pobre era comer

Suas desculpas  
De nada adiantavam  
Se já não tinha forças  
Se só lhe sobravam dor  
A caneta e o papel

Quando falava que era poetisa,  
Lhe perguntavam como via o mundo  
Amarelo, seu corpo respondia  
E, às vezes,  
Quando a imaginação lhe tomava conta,  
Preto e branco,  
Ela dizia

No fim, estavam certos  
Do lixão, realmente nascia flor  
Suas poesias e seus relatos  
Que, durante anos, foram regados  
Se viram, enfim, publicados

Passado seu sofrimento,  
Sua felicidade retornara  
Dias de glória, ela afirmava  
Os de luta, já não mais aguentava

Sua história foi reconhecida  
Em sua vida, houve melhoria  
O seu maior desejo foi realizado  
Viver na favela não foi mais necessário

Achou que seus anos de ouro haviam chegado  
Que o lixo agora seria apenas pra descarte  
E não à la carte  
Mas se esquecera que o pobre só era visível  
Sendo pobre

Enfim, teve voz  
E, além de ter seu talento descoberto,  
Também tivera seu mundo  
Carolina o enxergava  
Como deveria ser  
Colorido

Acreditou que a realidade seria diferente  
Que viveria como gente  
Aproveitaria os sabores da vida  
Sem preocupação com a comida do outro dia.  
Mas não havia no mundo

Algo que a fizesse mais feliz  
 Do que Vera, João e José  
 A pureza de seus filhos  
 Seus sorrisos sinceros  
 Eram mais valiosos que a carne que enfeitava seu prato

A realidade, no entanto,  
 Bateu à porta  
 Só sua dor vendia  
 Pobre sorrindo não fazia sucesso  
 Lhe diziam

E, então, se viu num caminho sem saída  
 Como escreveria sobre o que não vivia?  
 Como venderia um sofrimento que não mais a pertencia?  
 Como retornar ao passado, agora que estava cuidando de seus machucados?

Seu sofrimento estava retornando  
 Mas, dessa vez, de forma pública  
 Porque lugar de preto é na sala de despejo  
 Sem opinião e qualquer outro direito  
 Só isso é que faz o sucesso e o dinheiro

Carolina foi vítima do meio social  
 A consumiram como um 'fruto estranho'  
 E depois a deixaram à mercê, mais uma vez,  
 De descoberta a esquecida,  
 Havia perdido sua vez

*Arte de Nicolle Couto De  
 Oliveira, Victor Heringer de  
 Souza, Ana Carolina Theodoro e  
 Giovanna Gonçalves Marcelo.*



*\* Escultura criada com latinha de Coca-Cola, buscando representar a Carolina e os três filhos dela (Vera, João e José). A arte busca provocar ao usar lixo, o mesmo catado por Carolina, para fazer arte.*



## ERA DE ORIGEM HUMILDE\*

*Poesia de Davi Monteiro, Erick Camara Castro  
e João Pedro Moura*

Era de origem humilde,  
e gostava de ler.

Tinha escrita tão nobre  
Que fez sucesso pra valer.

Uma mulher do interior  
Que se mudou pra cidade grande.

A sociedade superou,  
E se tornou poeta importante.

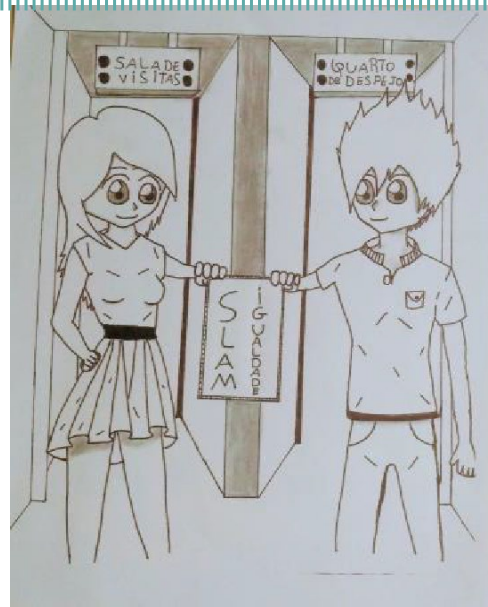
Também, o próprio slam, ela inspirou.

Mesmo de família tão pobre,  
Poetisa ela virou!

“-Poeta, por que choras?  
Mas que melancolia!  
– É que minha alma ignora  
O esplendor da alegria.  
Este sorriso que em mim emana,  
À minha própria alma engana.”

Essa vida na favela  
Que levava todo dia,  
Contou sempre sincera,  
Carolina Maria.

*Arte de Gabriel Prazeres.*



*\*Conforme os estudantes, o poema cita a origem de Carolina Maria de Jesus e o seu amor pela escrita.*

## QUANDO A NOITE CALA\*

Poesia de Davi Monteiro, Erick Camara Castro  
e João Pedro Moura

Quando a noite cala,  
A fome vem lhe acordar.  
No vazio das ruas,  
reza pra algum alimento encontrar.  
Nunca foi de fraqueza:  
sempre erguida, movida a lutar.  
Um passo por vez para um novo caminho encontrar.  
Em um rascunho de papelão,  
falava sobre a pobreza e aflição,  
Realista e com muita inspiração.  
Força, raça e bravura  
esculpidos no coração  
– Foi, assim, que a vida  
de uma simples mulher  
tornou-se poesia na sua mão

Arte de Kaik Carvalho Cabral  
da Silva.



*\*Segundo os estudantes, o poema apresenta a realidade das mulheres pobres. Muitas têm seus sonhos, mas não podem realizá-los por causa de sua condição financeira e ausência de oportunidades.*

## OUSANDO SER LIVRE\*

*Poesia de Davi Monteiro, Erick Camara Castro  
e João Pedro Moura*

Ousando ser livre,  
saiu pra lutar.

A liberdade se conquista  
pra quem sabe sonhar.

Chegando mais longe do que se pode ter,  
mulher de atitude não aceita sofrer

*Arte de Kaik Carvalho  
Cabral da Silva.*



*\*Explicação do grupo: “Mesmo materialmente limitadas, muitas mulheres não se deixam convencer com sua situação e buscam fazer o melhor para suas vidas e a sociedade”.*

## DO PAPEL AO LIVRO

*Poesia de Guilherme Moraes  
e Jean Felipe Gonçalves*

Em Sacramento, no interior de Minas,  
Nasce uma mulher negra, uma bela menina.  
Neta de escravos, mãe lavadeira,  
Com ajuda da freguesa, a escola frequentará  
Para São Paulo, a família decide se mudar,  
Perdeu a sua mãe e começou a trabalhar,  
Faxineira, empregada na Santa Casa de França,  
Trabalhando para sua família fome não passar,  
Em uma pequena favela em São Paulo,  
A literatura a acolherá, catadora de papel  
Lê tudo que recolhe e guarda as revistas que encontra,  
Sonhando em ser escritora, vai à redação do jornal  
Com o seu poema publicado, uma reportagem sobre a favela  
uma favela humilde e carente com famílias.  
Muitos passam fome, e o governo não liga!  
São pobres negros para quem promessas não são cumpridas  
Até que, um dia, seu diário fez o governo enxergar  
Diário de uma favelada, na consciência dos políticos faz pesar,  
Com o sucesso da venda seus livros,  
Fome sua família não passará,  
Uma condição melhor para sua família,  
Carolina poderá os dar.  
Uma mulher negra que cresce com a literatura  
Em mundo muito preconceituoso onde você é visto pela sua cor  
Se você nasce negro e pobre, as pessoas não aceitam onde você pode chegar  
Devemos mudar  
Ver o mundo de outra maneira  
Isso nos ajudará a aprender e educar para amanhã o preconceito acabar!



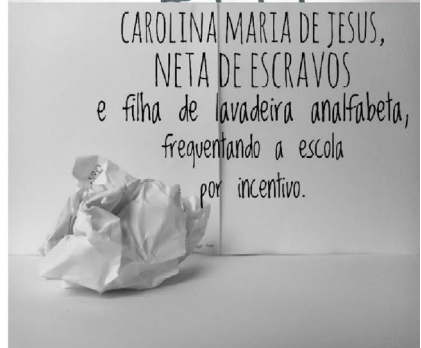
**CAROLINA MARIA DE JESUS, NETA DE ESCRAVOS  
E FILHA DE LAVADEIRA ANALFABETA**

*Arte de Gabriel  
Rastoldo, Diogo  
Aguiar, Ana Clara  
Gandra e Pedro  
Toffano.*

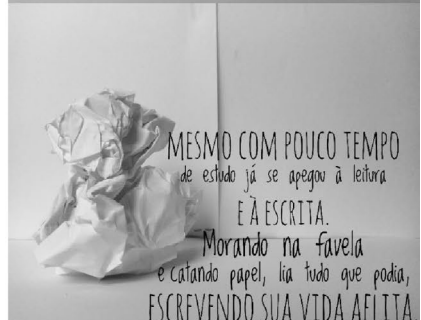
QUARTO DE DESPEJO  
 Maria Carolina de Jesus



CAROLINA MARIA DE JESUS,  
 NETA DE ESCRAVOS  
 e filha de lavadeira analfabeta,  
 frequentando a escola  
 por incentivo.



MESMO COM POUCO TEMPO  
 de estudo já se apegou à leitura  
 E À ESCRITA.  
 Morando na favela  
 e catando papel, lia tudo que podia,  
 ESCRIVENDO SUA VIDA AFLITA.



*Arte de Gabriel Rastoldo, Diogo Aguiar, Ana Clara Gandra e Pedro Toffano.*



*Qr Code – GIF (está na seção VI)*  
<https://youtu.be/Nry0YYWFG9I>

*Arte de Gabriel Rastoldo, Diogo Aguiar, Ana Clara Gandra e Pedro Toffano.*





*Arte de Clara Ribeiro, Caio Carvalho, Cecília Brasil e Júlia Pimentel.*

*Arte de Clara Ribeiro, Caio Carvalho, Cecília Brasil e Júlia Pimentel\*.*



*\*Imagem inspirada no poema "Do papel ao livro", mais especificamente, ao trecho "Faxineira, empregada na Santa Casa de Franca, Trabalhando para sua família fome não passar, em uma pequena favela em São Paulo, a literatura a acolherá [...] Uma mulher negra que cresce com a literatura".*



## SOBREVIVENTE DA FAVELA

*Poesia de Guilherme Moraes  
e Jean Felipe Gonçalves*

Amarelo, via tudo amarelo,  
 Não era o outono, mas sim a fome.  
 Um espectro que me acompanha desde ontem,  
 mas não meus filhos, ela passa longe deles.  
 Hoje foi um dia bom, catei o suficiente para todos.  
 Chegando em casa, começo a cozinhar,  
 o cheiro da comida enche o ar.  
 Todos à mesa, começamos a comer,  
 não sobrou nada, todos estão satisfeitos.  
 Meus filhos estão na cama, agora vou ler  
 adoro ler, manusear o livro, sentir as folhas.  
 Li quinze páginas, hora de escrever meu diário.  
 Escrevo o que vejo na minha realidade cruel.  
 Escrever é uma calma na tempestade.  
 Me sinto no céu, sonho com os anjos.  
 Acordo, tomo café, levo as crianças à escola.  
 Vou catar lixo, esse é o meu trabalho.  
 Passo pelos quatro cantos da cidade.  
 Sei o que é São Paulo mais que os políticos.  
 Entendo o que deve mudar para trazer prosperidade  
 Mas sou só uma favelada  
 Só se importam comigo em eleição  
 Depois disso, já não existo  
 Eu já vi esse ciclo vezes demais,  
 já não fico mais desapontada  
 A única coisa que posso fazer é educar meus filhos,  
 para que eles possam sair desse nada



*Arte de Gabriel Rastoldo, Diogo Aguiar, Ana Clara Gandra e Pedro Toffano.*



*Arte de Clara Ribeiro, Caio Carvalho, Cecília Brasil e Júlia Pimentel.*



### **Arte de abertura da seção**

Giovanna Gonçalves Marcelo, Victor Heringer de Souza, Daví Santos Fernandes, Ana Carolina de Oliveira Matheus, Gabriel Rastoldo Mesquita, Anna Clara Gandra de Carvalho e Felipe Duarte Muller.

### **Produção audiovisual**

Rodrigo da Costa Silva de Souza, Felipe Duarte, Alberto Fernandes, Giovane Freitas, Fabrício Bento, Miguel Oliveira e Lucas Lopes.

### **Organização**

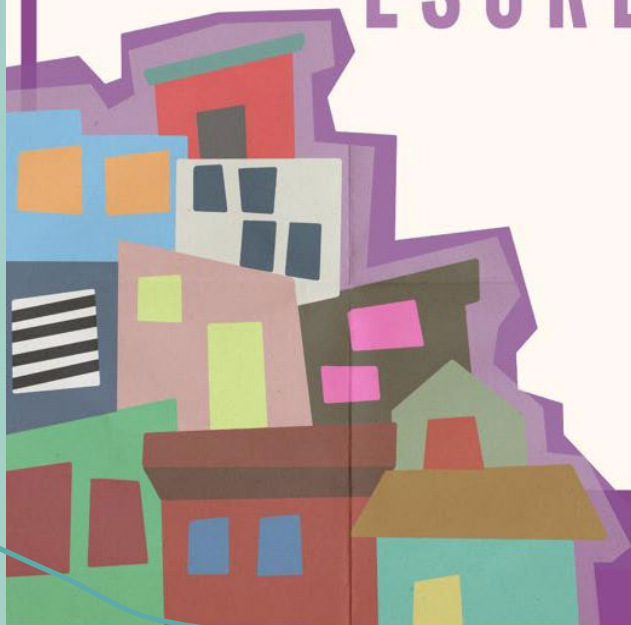
Arthur Wanzeler, Henrique Corga, Danilo Azevedo, Cecília Becker e Gabriel Nogueira

**Seção VI - 1005B**

**<https://youtu.be/cnF0U2kJicU>**

||||| SEÇÃO VII - 1008 |||||  
<https://youtu.be/5McxHw8YCw>

# AS PALAVRAS QUE EU ESCREVI



## VERSOS DE UM CAPATAZ



*Poesia de Sophia Sant'Anna  
e Luiza Barros*

Seus olhos hipócritas, a nós voltei  
Assim como meus ancestrais, sangrei  
Eles insistem em me chamar de plebeu, mesmo que eu tenha pele de rei  
Meu trono foi roubado por suas armas brancas  
E, por mais que pensem, isso não as tornam brandas

Pintaram-me com uma tinta indesejada: a cor do crime  
Subscrevo-me para que não se esqueças de mim  
Em suas falas pomposas como pluma  
Ele oprime qualquer pessoa que não seja como ele para que suma.

Meu corpo é uma represa...  
Confesso que, às vezes, transbordo  
Desatando os nós de minha garganta, com gritos de socorro  
Imploro a todas as Marias,  
Princesas e rainhas,  
Em meu último suspiro, que me deem fôlego

Estou tão cansado  
Meus irmãos e irmãs ainda precisam resistir  
Estou farto!  
Deste maldito ciclo vicioso que nos impede de existir

Nas noites em que não durmo  
Pela chuva que inunda meus pensamentos  
Questiono-me sobre esse preconceito  
Seria mesmo verdade que  
Meus traços estarão fadados ao rejeito?

Às vezes, vou além  
Flutuo entre os cômodos  
Deixo que as ondas me guiem  
Enquanto peço ao universo  
Que não deixe que meus filhos presenciem  
Esse mundo perverso

Pela manhã meus pés descalços  
Caminham para o jardim de barro  
Enquanto as crianças me recebem com um abraço,  
Noto a minha vizinhança em pedaços  
A chuva não fora um sonho, causastes estragos

Me vejo estendendo perto de um penhasco íngreme  
Sem asas para voar A ideia de saltar é reconfortante  
Nesses versos, na dor sublime

Não existe nada mais alvoroçado que o coração de um preto  
 Quando discriminado no labirinto das prateleiras  
 Mesmo que conduzindo boas maneiras  
 Mas o final da história é a mesma,  
 Acusado de furto enquanto roubam-lhe o fôlego  
 As imagens claras afogando-lhe  
 Em suas desvantagens, deitado ao chão  
 Clamou mais uma última vez por sua salvação

Como aconteceu com seus ancestrais anos atrás  
 Questionou-se e, se todas as riquezas estivessem em minhas mãos,  
 Eu ainda seria confundido com um capataz?

Amor e ódio estão em constante atrito dentro de meu peito  
 Nunca pude correr livremente, salvar-me  
 Sem que minha liberdade fosse piamente um veredito à minha comunidade

Às vezes no silêncio da noite,  
 Eu fico imaginando minha casa sendo atingida  
 Mesmo que nossa ferida não seja física  
 E sim na alma não-compreendida  
 Eu nunca busquei por nirvana  
 Não tinha tempo e faltava grana  
 Não há paz onde há fome  
 Desconheço o impossível, sou apenas um homem



*Arte de Amanda Freire Brondi Vargas, Sophia Passos Gomes Ferreira  
 de Vasconcellos, Renato Carlos Brune de Souza e Bruno Zampieri Azevedo*



*Imagem inspirada nos versos: "Pintaram-me com uma tinta indesejada: a cor do crime"; "Assim como meus ancestrais, sangrei".*



---

*Arte de Gabrielle Conceição, Laysa Correia, Luiza Florido e Wilton Rodrigues.*





## NUANCES DA NEGRITUDE

Poetisa de sacramento  
Tinha suas mãos calejadas  
Enquanto escrevia seu sentimento  
Sobre aquilo que almejava

Entre versos, suas histórias,  
Mulher solteira, mãe e trabalhadora  
Contava suas memórias  
De sua realidade devastadora

Poesia dolorida esta que escrevia  
Que expõe as cicatrizes de uma vida sobrevivida  
Os dias passam, a raiva fica  
As lágrimas ameaçam, a força precipita  
Numa luta onde as palavras ditas necessitam ser ouvidas

Quando a fome apertava,  
Não havia o que comer  
Ah! se pudesse se alimentar de sonhos  
Isso já bastava  
Das senzalas às favelas,  
A falsa abolição povoou as vielas  
À procura do pão, lá estavam elas  
Resistir não era opção, realidade só cabia aquela

À margem da sociedade,  
Enfrentavam a ignorância  
A violência  
Como condenados, mas nunca culpados  
O ódio mascarado sempre fora notado, escancarado  
Mas aos pretos foi aconselhado, “engole tua revolta para ser respeitado”

E, quando muitos abaixavam as cabeças,  
Os burburinhos preenchendo o silêncio da derrota,  
Maria de Jesus gritou: “não me esqueças, pois farei história”  
E, quando a inveja crescia à sua volta,  
Ela sabia que podia cantar vitória

Oh! tão doce e melancólica mulher, menina  
Que sorri com o olhar crítico e inspira as Carolinas  
Em seu leito de morte,  
Declarou a sã desilusão sobre seu país  
Mas ainda esperava a boa sorte  
O paraíso onde a pele negra não seja o que desdiz

Não há garantias do paraíso  
Mas como poderia vasto campo da poesia  
Não preencher a dor de Maria  
E deixar que pense que não conseguiria?

Poesia de *Sophia Sant'Anna*  
e *Luiza Barros*

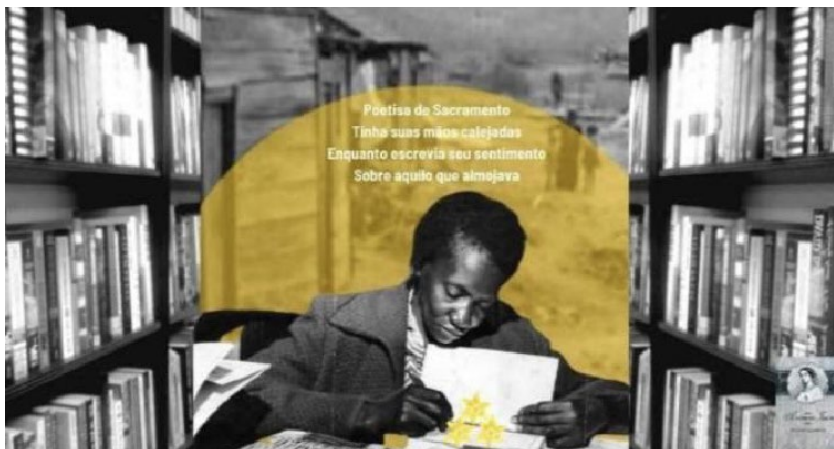


Arte de *Amanda Freire Brondi*  
*Vargas, Sophia Passos Gomes*  
*Ferreira de Vasconcellos, Renato*  
*Carlos Brune de Souza e Bruno*  
*Zampieri Azevedo\**

Não há palavras bonitas que acalentem esse povo  
Que, aos olhos azuis, do alto do prédio,  
Gritam aos ventos: “deveriam estar mortos”

Ao desconforto da pele retinta, escrevo por Maria  
Por Miguel  
Por João

Pela nação preta que sonha e luta para que talvez um dia  
Não a exclua do planeta  
Perdoe-me a euforia, mas isso nunca foi poesia



*Arte de Matheus Celestino Santos Gonçalves, Angel Corrêa da Cruz, Dandara Coelho Ferreira Predes e Beatriz Peruch Vitali Cravo.*

*Arte de Gabrielle Conceição, Laysa Correia, Luiza Florido e Wilton Rodrigues\*\*.*



*\*Imagem inspirada no trecho: “Poesia dolorida esta que escrevia/Que expõe as cicatrizes de uma vida sobrevivida”. / \*\*Fotografias inspiradas no poema “Nuances da negritude”. Nas palavras do fotógrafo Wilton Rodrigues: “Usei elementos como as ferramentas presentes nas fotos, para fazer uma ligação com o passado dos negros no Brasil, levando em conta o slam Versos ‘Nuances da Negritude’, já que ele aborda este assunto. A partir do momento em que os escravos realizavam diversos trabalhos braçais, sob o sol ou até em meio a matagais, elaborei essas cenas com o objetivo de remeter à época de escravidão dos negros”.*

## DESPEJADA

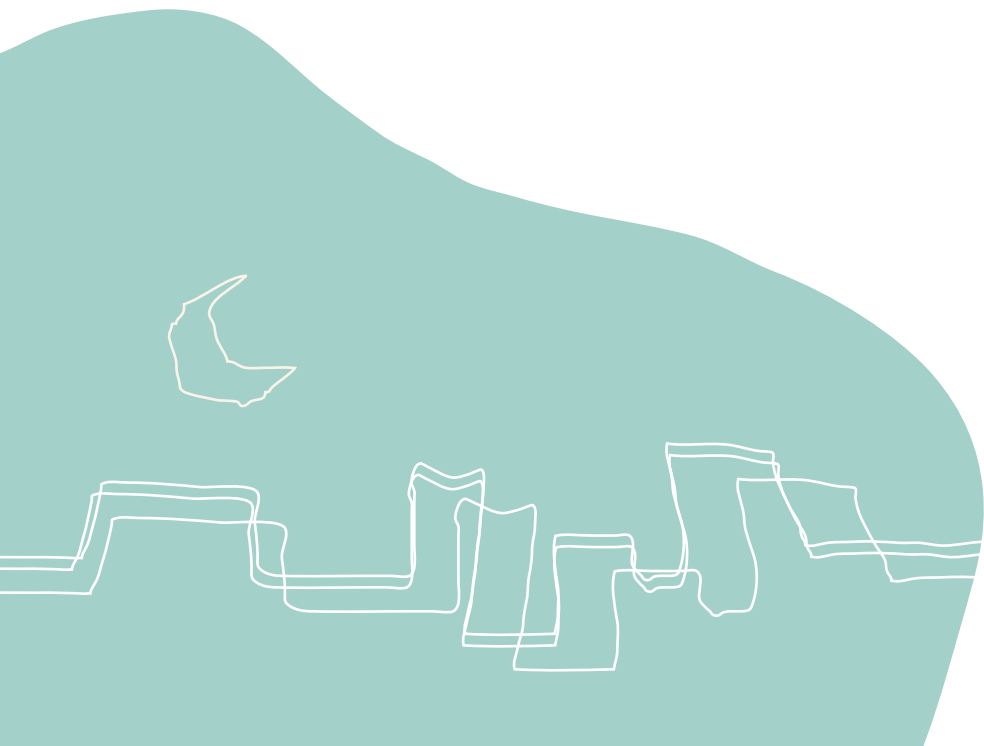
|||||  
*Poesia de Lazarus Lessa Sampaio*

Enquanto corro com a fratura exposta,  
Nas noites frias revirando o lixo,  
Em meus versos, busco uma simples resposta.  
O porquê de me olharem como um bicho...

Não tenho vergonha da pobreza  
Apesar de andar em meio ao entulho,  
Vivendo com as pessoas e sua frieza,  
Ainda há um resquício de orgulho.

Vendo meus filhos sobreviverem  
Vê-los escreverem, lerem...  
Batalhando num lugar de despejo,

Ainda vejo neles o desejo.  
De não serem mais despejados,  
De não serem mais negligenciados.



## CORRERIA

Poesia de Lazarus Lessa Sampaio

O beco escureceu,  
Comprimindo-me entre as paredes, fui engolida numa luta  
A parede estremeceu,  
E eu fui jogada de novo pra labuta.

Mesmo desnorteada e tonta,  
Eu ainda estava pronta,  
Pra passar nos umbrais,  
E não sentir fome, nunca mais.

As luzes dos postes me cegavam,  
Os becos gritavam: Desista!  
Minha mente sussurrava: Resista!

Atravesso com correria,  
Enfrento com teimosia,  
Faço poesia, batendo de frente com os fardados de mente vazia.

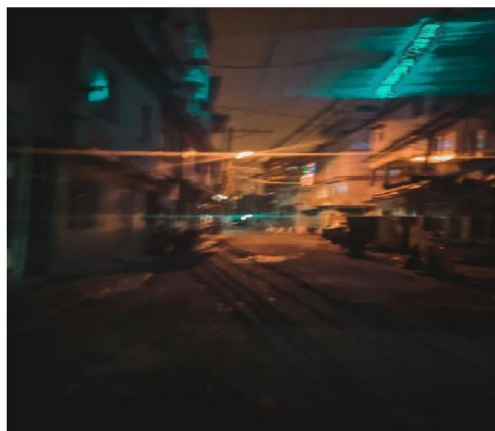


Arte de Amanda Freire Brondi Vargas, Sophia Passos Gomes Ferreira de Vasconcellos, Renato Carlos Brune de Souza e Bruno Zampieri

Arte de Gabrielle Conceição, Laysa Correia, Luiza Florido e Wilton Rodrigues\*.



*Arte de Gabrielle Conceição, Laysa Correia, Luiza Florido e Wilton Rodrigues\*\*.*



*\*Fotografias inspiradas nestes trechos do poema “Correria”: “Eles insistem em me chamar de plebeu, mesmo que eu tenha pele de rei”; “Seria mesmo verdade que/ Meus traços estarão fadados ao rejeito?”. Depoimento: “Laysa tirou essas fotos inspirada no poema do Lazarus, mas a história por detrás dela é bem maior. Jonas foi se candidatar a uma vaga de emprego. Lá disseram que as normas da empresa exigiam um cabelo curto. Mesmo cortando seus cachos, ele não foi aceito, pois a cor da pele não dá para se mudar. Ao não ceder mais para uma sociedade com padrões brancos e eurocêtricos, Jonas e muitas outras pessoas como ele resistem!”.*

*\*\*As fotografias acima foram tiradas no Complexo da Maré, comunidade da cidade do Rio de Janeiro, e foram inspiradas no poema “Correria”.*

## DOCE E DIFÍCIL

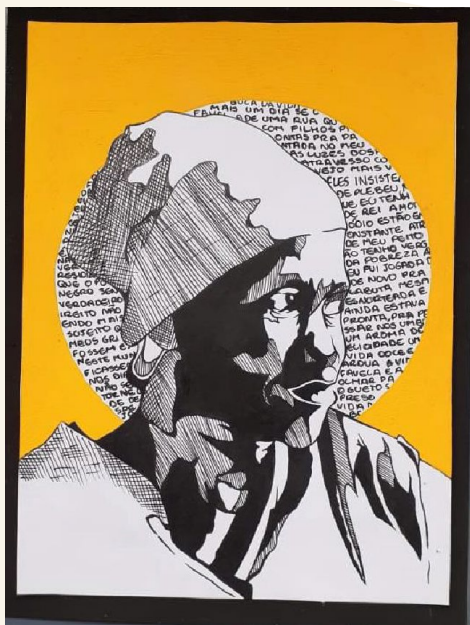
*Poesia de David Ribeiro e Miguel Angelo*

Tenho uma razão para lutar.  
 Fome e cansaço não vão me parar  
 Um aroma de felicidade.  
 Com meus filhos.  
 Canto, canto, canto até desmaiar

Uma vida doce e árdua  
 A vida na favela é assim.  
 Mas, mesmo assim, eu não vou desistir  
 Eu tenho um sonho, e nele eu vou persistir

Os versos que eu escrevo não são pra alguém ler  
 E, sim, porque eu gosto de escrever  
 Minha vida nunca foi fácil  
 Mesmo assim, eu sou feliz

O difícil não é viver,  
 É continuar vivendo.  
 Esbofando o meu peito, eu sigo em frente  
 Nunca deixei de sonhar  
 Porque eu acredito que o meu sonho há de se realizar!



*Arte de Camila da Silva Affonso,  
 Luciana Lopes e Maria  
 Victória Ribeiro.*





*Arte de Amanda Freire Brondi Vargas, Sophia Passos Gomes Ferreira de Vasconcellos, Renato Carlos Brune de Souza e Bruno Zampieri Azevedo\*.*

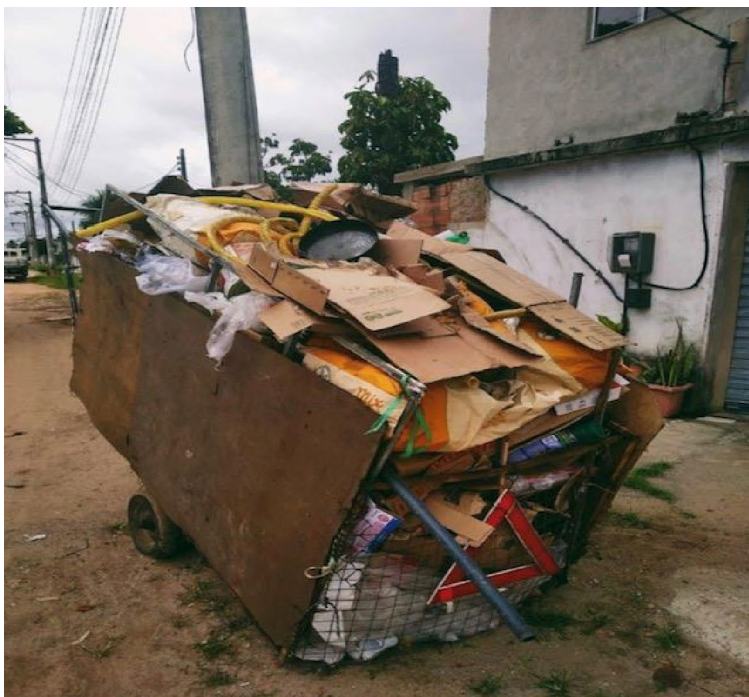
*Arte de Matheus Celestino Santos Gonçalves, Angel Corrêa da Cruz, Dandara Coelho Ferreira Predes e Beatriz Peruch Vitali Cravo.*



*\*Imagem inspirada no poema "Doce e difícil"; mais especificamente, no seguinte trecho: "Com meus filhos,/Canto, canto, canto até desmaiar/ Uma vida doce e árdua/A vida na favela é assim./Mas, mesmo assim, eu não vou desistir/Eu tenho um sonho, e nele eu vou persistir".*







*Arte de Gabrielle Conceição, Laysa Correia, Luiza Florido e Wilton Rodrigues.*

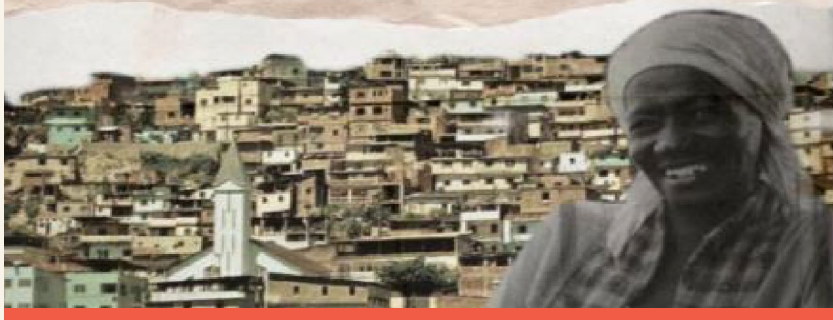
*Arte de Gabrielle Conceição, Laysa Correia, Luiza Florido e Wilton Rodrigues\*.*



*\*Fotografias inspiradas no poema "Mais um dia se completa"; mais especificamente, ao seguinte trecho: "E, sentada, no meu barraco, te conto/Como é viver este conto/De um povo trabalhador/Na esperança de que a favela/Se torne algo a mais para ela/E que o lugar em que vivemos/Não se torne o nosso quarto de despejo".*

Que meus gritos escritos fossem escutados  
E não ficassem apenas nos meu diários  
Que pudesse ser conhecida pelas minhas simples  
poesias  
E não como mais um que ali residia

E sentada no meu barraco te conto  
Como é viver este conto  
De um povo trabalhar  
Na esperança de que a favela  
Se torne algo a mais para ela  
E que o lugar em que vivemos  
Não se torne o nosso quarto de despejo



*Arte de Matheus Celestino Santos Gonçalves, Angel Corrêa da Cruz, Dandara Coelho Ferreira Predes e Beatriz Peruch Vitali Cravo.*



### **Arte de abertura da seção**

Wilton Rodrigues, Ana Luiza Peixoto, Angel Corrêa, Dandara Coelho, Sophia Passos, Kaíke de Souza, Bruno Zampieri e Miguel Ângelo.

### **Produção audiovisual**

Ana Vitória Martins Contreira, André Gonçalves Makuska, João Pedro Azevedo Palmisciano, Pâmella Ferreira Mafort, Alice dos Santos Souza, Lucas da Costa Pires, Kaíke de Souza Robaina e Gabriel Silva Lima Ferro.

### **Organização**

Felipe Soares da Silva, Miguel Ramalho Vieira Nogueira de Oliveira, Ana Clara Viana Pinto dos Santos, Luiza Gonçalves Dias e Gabrielle Alves da Cunha.

### **Seção VII - 1008**

<https://youtu.be/5McxHw8YCw>



## Sobre Canindés e Carolinas

---

Boa tarde, professora!

Hoje não consegui habilitar meu microfone, pois meu telefone está bem estranho (quebrei a tela).

Mas, de qualquer maneira, gostaria muito de ter participado, porque eu tô amando os assuntos discutidos na sua aula e nos livros.

Então, vou deixar aqui meu pensamento sobre o livro até agora (e acho que não faz mais diferença, mas, se você me permite, vou falar mesmo assim).

Eu estou na metade do livro e, sinceramente, estou amando o quanto o livro me faz sofrer. Talvez, pelo fato de eu já ter feito/ainda fazer parte e ver de perto os ciclos que Carolina discute no livro, ele seja tão impactante para mim. E, após pesquisar, descobri que muitas pessoas pensaram que o livro era falso (pensavam que a história do livro era criada por outra pessoa) e que a história era de um gênero do qual não gostavam (assim como alguns colegas de classe pensaram).

Abaixo vou quebrar esses pensamentos...

Obviamente, não é um livro que ia prender muita gente, uma vez que ele não tem uma estrutura de um livro criado fantasiosamente, até porque ele não é um. Uma pessoa que nunca teve um tipo de contato com alguma das situações (e uma pessoa totalmente sem empatia) vai achar o livro chato e repetitivo. Mas, como já me encontrei em situações como a da Carolina, posso afirmar que essa vida é chata e repetitiva.

Esse livro me quebrou bastante, lembrou de situações que eu enterrei tão fundo em minha mente que eu nem lembrava. Mas, outra coisa abordada que eu amei MUITO foi o fato da Carolina quebrar essa imagem linda da favela.

Não que a favela não tenha suas partes lindas, amo todas em que já vivi, porém (me perdoe o linguajar) é foda. Ir pra baile na favela rebolar é muito bom, ir turistar na favela é top, levantar símbolo do comando é de cria...

Mas, o foda é não dar o que comer pro seu filho, o foda é ter medo de um tiro entrar na tua casa, o foda é passar mal de fome, o foda é subirem no teu morro todo dia e, quando não é pra te entregarem mentiras em forma de santinho, soltarem tiro pro alto.

O livro é muito bem pensado e bem escrito e me sinto muito conectado com a história e com os personagens.

Que o mundo leia esse livro e consiga entender as dificuldades dos Canindés e das Carolinas!

Depoimento do estudante Lucas de Azevedo Correia, enviado por mensagem após uma das aulas de leitura coletiva do texto de Carolina Maria de Jesus.

---